marta,
a árvore
e o relógio

vereda
da salvação

jorge andrade

cintra

VEREDA DA SALVAÇÃO

Jorge Andrade

Ciclo Marta, a árvore e o relógio

Volume 05

Copyright ©2013 Jorge Andrade

Vereda da Salvação

São Paulo, Editora Cintra, 2013

Projeto gráfico/Capa: José Carlos Lollo

Coordenação/Apresentação: Elizabeth R. Azevedo

Introdução: Antunes Filho

Editora: Leda Rita Cintra

Produção editorial: Clélia Aubert

Assistente editorial: Leda Botton

Revisão: Jessie Navajas

Conversão: all4type.com.br

São Paulo, Editora Cintra, 2013

Todos os direitos reservados à Editora Cintra

São Paulo – SP, Brasil

Contato: Leda Rita Cintra

Telefone: 55 11 3729 6995

E-mail: leda.editoracintra@gmail.com

SUMÁRIO

TEATRO DE JORGE ANDRADE

Elizabeth R. Azevedo

VEREDA DE SALVAÇÃO E OS PROCESSOS DE ENCENAÇÃO NO BRASIL

Um depoimento de Antunes Filho[1]

POEMA DE ABERTURA

PERSONAGENS

PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

TEATRO DE JORGE ANDRADE

Elizabeth R. Azevedo

Aluizio Jorge de Andrade Franco nasceu em maio de 1922 em Barretos, cidade do interior paulista. Filho e neto de fazendeiros, pertencia ao grupo de cafeicultores que controlava a economia e a política brasileiras havia décadas. Estudou no Colégio Rio Branco, em São Paulo, e, mais tarde, começou a cursar a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, mas abandonou-a e passou os anos seguintes como fiscal de café na fazenda da família. Insatisfeito e inquieto, decidiu mudar de vida, inscrevendo-se na recém-fundada Escola de Arte Dramática (EAD), depois de assistir a um espetáculo protagonizado pela atriz Cacilda Becker no Teatro Brasileiro de Comédia, o TBC, em 1950. Aí, sob a direção de Alfredo Mesquita e de outros professores, como Décio de Almeida Prado, formou-se homem de teatro. Por essa mesma época, casou-se com Helena Prado, jovem cujas origens remetiam aos *quatrocentões* paulistas, com quem teve três filhos.

Desde o período em que ainda era estudante na EAD, começou a escrever e passou a ser conhecido como uma promessa do moderno teatro brasileiro. Depois de formado, viu seus textos encenados pelo Teatro Maria Della Costa, pelo antológico TBC e pela companhia dramática oficial brasileira existente nesse período. Paralelamente, atuou como professor, jornalista e secretário de cultura. Nos anos 70, passou também a escrever telenovelas e casos especiais para a televisão.

Em toda sua obra, as referências a seu meio social de origem não são gratuitas. "Jorge Andrade", nome com que assinava seus textos, sempre manteve em perspectiva sua relação com esse mundo e com o que ele representava na história do Brasil e em sua trajetória pessoal. Estabeleceu com ele uma relação de amor e ódio que colocou em cena como forma de melhor lidar com sua herança familiar e social. Costumava dizer: *Para escrever sobre um meio, é necessário senti-lo até no sangue, e não poder viver nele. Assim como para escrever sobre um ser humano é necessário compreendê-lo, a ponto de amá-lo... e não poder fazer nada por ele — às vezes nem mesmo suportá-lo.*

A partir desse ponto de vista, compreende-se com mais propriedade os temas recorrentes na obra andradiana, trabalhados e retrabalhados de múltiplos pontos de vista, mas sempre girando em torno das questões das heranças cultural, histórica, social, econômica e mesmo afetiva.

Sobre a forma pela qual os assuntos abordados pelo dramaturgo se colocaram no palco, temos na obra de Jorge Andrade a marca da modernidade recém-alcançada pelo teatro brasileiro nos anos 1940/50 e que ainda estava sendo edificada. Seu trabalho é central nessa construção. Desde o histórico marco da encenação da peça de *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em dezembro de 1943, inaugurara-se no teatro brasileiro uma nova fase para a dramaturgia e a encenação. No final da mesma década, com a criação da companhia do TBC, transferia-se para São Paulo o centro da efervescência da modernização da cena nacional. Acompanhando o novo pensamento modernizador, no mesmo ano, 1948, fora inaugurada a Escola de Arte Dramática. Jorge Andrade, já mais velho do que a maioria de seus colegas, ingressou na EAD e imediatamente se destacou como autor dramático. A experiência com aprendizado sistematizado da dramaturgia universal e o contato com professores e críticos teatrais municiaram o jovem autor a se lançar pelo caminho da experimentação. Em 1954, em seu último ano na Escola, escreveu *A Moratória*, peça encenada no ano seguinte pela Companhia Maria Della Costa, e transformada em novo marco da moderna dramaturgia brasileira.

Ao longo de sua carreira, Jorge Andrade retomou inúmeras vezes seus temas mais queridos, ainda que dolorosos, ampliando sua experimentação formal, sempre com um *realismo poético* de base, matizado por maiores ou menores colorações épicas e expressionistas.

Ao todo, compôs 17 peças e deixou vários outros textos inacabados. Depois de ser consagrado como autor teatral, enveredou pela teledramaturgia. Como talentoso criador de personagens, soube também atuar como repórter, escrevendo perfis para a conceituada *Revista Realidade* nos anos 70. Finalmente, deixou um testamento artístico-afetivo ao escrever sua autobiografia intitulada *O Labirinto*.

Jorge Andrade faleceu em 1984. Sua obra, no entanto, sobreviverá a todos nós.

* * *

As obras teatrais mais conhecidas de Jorge Andrade, e sem dúvida seu trabalho mais importante, é o grupo de dez peças chamado de *Marta, a Árvore e o Relógio*. Mais do que uma coletânea de melhores trabalhos, o conjunto forma um *ciclo* incomparável na dramaturgia brasileira de todos os tempos. A noção de ciclo incorpora para ele uma ligação visceral de personagens e trajetórias ao longo de mais de quatrocentos anos de história do Brasil.

As pontas desse ciclo se unem quando se apresenta na última peça desse verdadeiro

decálogo interpretativo o personagem Fernão Dias, elemento historicamente mais antigo do grupo de figuras, algumas históricas, outras nem tanto, que povoam as dez obras. A vida e a saga do bandeirante antecedem em cerca de cem anos aos personagens da primeira peça colocada no ciclo — *As Confrarias*. No entanto, Fernão Dias é o coprotagonista do último drama da série, *O Sumidouro*. Ao lado de Vicente, *alter ego* do autor que aparece em vários dos dramas, vê sua "procura" incansável pelas minas de pedras preciosas repetir-se na busca existencial do autor pelos segredos pessoais e históricos enterrados em personagens e situações.

O percurso como nos é apresentado pelo ciclo, vai assim do século XVIII com *As Confrarias* (1ª peça) e o drama do esgotamento da riqueza das Minas Gerais, avançando pelo XIX, com a Revolução Liberal de 1842, em *Pedreira das Almas* (2ª peça), desce a serra em direção ao planalto paulista para iluminar a decadência dos fazendeiros de café com *A Moratória* (3ª) na crise de 1929, seus sobreviventes em *O Telescópio* (4ª), os eternos excluídos na *Vereda da Salvação* (5ª), avança sobre o ambiente urbano de meados do XX com *A Escada* (6ª), *Senhora na Boca do Lixo* (7ª) e *Os Ossos do Barão* (8ª). O tempo então se inverte, como o caminho que leva um dos protagonistas da saga sobre seus próprios passos ao interior e à sua infância em *Rasto Atrás* (9ª), para terminar com esse mesmo personagem em contato com o personagem histórico, Fernão Dias, retornando o começo de tudo no século XVII em *O Sumidouro* (10ª).

Essas dez peças não foram escritas originalmente na ordem em que se apresentam no ciclo *Marta*. Jorge as compôs e publicou ao longo de vinte anos de carreira, na qual a perspectiva de estudo da história brasileira, e paulista sobretudo, permitiu que depois de prontas elas pudessem ser rearranjadas como um grande painel histórico, do ponto de vista temático e temporal, e *uma grande obra épica em dez partes*, como desejava seu autor.

Para reforçar o fio condutor épico do ciclo, Jorge Andrade elegeu a figura de *Marta* como uma espécie de força vital, mais ou menos presente e encarnada dependendo do enredo, sempre se relacionando com os acontecimentos vistos no palco. Contudo, nem sempre ela é um personagem. Por vezes, é apenas uma menção, como em *A Moratória*, na qual é citada como a mulher que ensina Lucília a costurar e ser capaz de sustentar sua família depois da derrocada econômica, ou em *A Escada*, onde é a figura da vizinha misteriosa que Vicente gostaria tanto de conhecer e escrever a respeito a ponto de invadir secretamente sua casa e espreitar suas coisas. Como personagem, Marta assume o protagonismo em *As Confrarias*, uma das últimas peças escritas para o ciclo, mas que, no entanto, o abre justamente com essa figura. Sua relação com os demais personagens das peças e dos enredos pode esclarecer inúmeros aspectos dos dramas

andradianos.

O mais curioso é que a primeira vez que Marta aparece é em *As Colunas do Templo* (ou *O Faqueiro de Prata*), um dos primeiros textos de Andrade e que não faz parte do ciclo. Nessa peça, Marta, esposa do protagonista, é apenas uma referência, que fala pelo telefone com o marido, mas de quem não se ouve a voz. Mesmo assim, pode-se imaginar a figura de uma mulher forte e determinada, que cobra do marido uma postura mais realista em relação à vida.

Outros símbolos despontam repetidamente nos dramas do ciclo como *Marta*. A *árvore* traveste-se de múltiplas formas, às vezes como floresta onde os homens se perdem ou sofrem, como *O Sumidouro* e *Vereda da Salvação,* às vezes como refúgio, como a árvore onde Vicente se esconde ou aquela contra a qual José João (seu pai) se recosta para morrer em *Rasto Atrás*. O *relógio*, remetendo ao tempo que anda e para, dependendo do transcurso do tempo histórico e do desenvolvimento interno dos personagens, é outra vertente do simbolismo andradiano.

Embora Marta, a árvore e o relógio sejam símbolos recorrentes e escolhidos especificamente pelo autor, muitos outros estão presentes na obra, como a flauta, a "lua quebrada", os sons, os cadáveres insepultos, dando consistência à dimensão poética de seu universo.

Ao lado das obras que compõem o ciclo *Marta*, Jorge escreveu outros textos, alguns inéditos até agora. Neles, não se encontra uma linha histórica tão claramente trabalhada, mas ainda identificam-se as mesmas preocupações e posturas de um autor comprometido com a liberdade, com a luta contra a injustiça, com a identificação do peso sufocante do passado sobre os personagens, com a esperança no futuro. Alguns títulos têm caráter nitidamente político, contradizendo as acusações de "oligarca" ou "elitista" feitas injustamente ao autor. Nesse grupo destacam-se *O Incêndio* (de 1962), sobre um assassinato político travestido de linchamento popular, e *Milagre na Cela* (de 1981), que denuncia a tortura no período da ditadura militar.

Outros dramas, mais curtos, revelam as mazelas e injustiças da sociedade brasileira, como *A Receita* (de 1968), sobre as macabras condições de saúde e de vida da população rural, ou a poética, mas não menos contundente *O Mundo Composto* (de 1972).

No âmbito mais familiar e restrito, encontram-se os trabalhos, escritos em épocas distintas, como *As Colunas do Templo* (1951), composta quando o autor ainda estudava na EAD, que apresenta um grupo de bancários (como chegou a ser o próprio autor durante certo tempo) e seus dilemas diante da falta de reconhecimento no trabalho e das expectativas em relação à história familiar. Vale ainda mencionar pequenos textos inéditos, como o fragmento *Sesmaria do*

Rosário além de *A Loba* e *A Zebra* (ambas de 1978), que recebem novas roupagens para antigas questões que perpassam toda a obra andradiana.

Jorge Andrade escreveu ainda trabalhos em parceria. Com Lauro César Muniz e Consuelo de Castro compôs e viu encenada *Corrente prá Frente* (de 1981), na qual se incumbiu de um dos três atos (*elos*) que compõem a peça que trata sobre o poder econômico estrangeiro pesando sobre os diversos estratos sociais ligados à indústria nacional e os consequentes dramas familiares e amorosos que a situação causa.

Trabalhos em coautoria, até hoje inéditos, foram recuperados especialmente para esta edição, como aquele com Clô Prado, *Os Vínculos,* e um outro que desvenda uma faceta um pouco mais leve e jocosa de Jorge, no trabalho com Antonio Abujamra, em *Lady Chaterley em Botucatu.*

Profª Drª Elizabeth R. Azevedo é Bacharel em História pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre e Doutora pelo Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP.

É autora dos livros *Um Palco Sob as Arcadas*, sobre o teatro dos estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, no século XIX, publicado em 2000 e *Recursos Estilísticos na Obra de Jorge Andrade*, pela Edusp, além de vários artigos e ensaios em revistas e congressos.

Em 1997, recebeu a Bolsa Vitae de Artes para a realização de pesquisa sobre o grupo de Teatro Lotte Sievers, em São Paulo na década de 50.

Desde 2003, é professora de Teatro Brasileiro no Departamento de Artes Cênicas da ECA – USP e coordenadora do Centro de Documentação Teatral LIM CAC.

VEREDA DE SALVAÇÃO E OS PROCESSOS DE ENCENAÇÃO NO BRASIL

Um depoimento de Antunes Filho[1]

Vereda da Salvação, drama sobre o trágico destino de um grupo de trabalhadores rurais que encontra na religião apoio para superar as condições miseráveis em que se encontram, é uma das criações mais contundentes da obra de Jorge Andrade. A fé, exacerbada pela miséria e pela manipulação de um líder carismático, transforma o agrupamento em um reduto de fanáticos messiânicos, capazes até de assassinar crianças em nome do respeito aos preceitos religiosos.

Baseada em uma história real ocorrida em Minas Gerais, na região de Malacacheta, em 1955, a peça de Jorge Andrade retoma os acontecimentos, enfatizando um imaginário conflito entre dois líderes do grupo: Joaquim e Manoel. Este, um homem mais velho, forte e rude, responsável pela sobrevivência do grupo; aquele, mais jovem, um hábil manipulador, que sabe jogar com o desespero dos trabalhadores. Além disso, um triângulo amoroso se estabelece entre eles, em relação a Artuliana, jovem noiva de Manoel.

Apesar de embasada em estudos históricos e sociológicos, como aliás várias outras peças de sua autoria, Jorge Andrade não pôs no palco marionetes, simples humanizações de um conceito. Ele levou à cena homens que vivem uma realidade atroz, sim, mas a vivem como indivíduos inteiros, tão inteiros quanto possam ser os personagens do teatro. É desse equilíbrio entre o todo e as partes que brota em grande medida a qualidade excepcional do drama.

O diretor paulista Antunes Filho foi responsável por duas montagens antológicas da peça *Vereda da Salvação*. A primeira estreou em abril de 1964, no Teatro Brasileiro de Comédia, a segunda, em 1993, com o Grupo de Teatro Macunaíma do SESC em São Paulo. A primeira tinha no elenco como protagonistas Raul Cortez, Renato Restier, Cleyde Yáconis e Esther Mellinger. Na versão mais recente, Luis Melo, Walter Portella, Laura Cardoso e Angela Banhoz nos papéis centrais de Joaquim, Manoel, Dolor (mãe de Joaquim) e Artuliana.

Lançando mão de uma concentração dramática altamente impactante, a peça apresenta os acontecimentos já próximos ao seu desfecho, consequência de anos de exploração e de desespero que esmagam as frágeis figuras dos trabalhadores que, numa espécie de transe, embarcam num grande delírio coletivo autodestrutivo. O texto, composto com um lirismo raro

nos diálogos do teatro nacional, é acompanhado de música e da presença de um coro que aproximam, pela forma, a obra ainda mais da tragédia clássica.

As duas montagens tiveram grande destaque no cenário teatral da cidade e do país, por diferentes motivos em cada uma das ocasiões. A primeira, de 1964, sem dúvida, deu-se num momento extremamente tumultuado do cenário político do país e do momento teatral brasileiro, uma vez que marcou o fim de uma era de hegemonia do grupo do TBC e a consolidação da trajetória artística do encenador Antunes Filho:

Vereda da Salvação foi o início de um processo para começar a reformular a encenação. Ela foi a primeira de três peças, juntamente com Peer Gynt[2] e Macunaíma[3], que buscaram modificar o comportamento do homem em relação ao palco. Graças à obra do Jorge pude chegar a Macunaíma.

Jorge acompanhava todos os ensaios e concordava com a encenação. Ficou fascinado pelo espetáculo, que demandava dos atores o distanciamento da autoestima, um estado de abandono, o desapego às atitudes petrificadas pelas ordens existentes, buscando gestos que ignorassem o ego.

Jorge Andrade, pouco antes da estreia, declarou ao jornal *O Estado de São Paulo* (...) *ter-se-á criado um realismo brasileiro que poderá vir a revolucionar a arte da representação no Brasil*.[4]

O encontro e a sintonia dos dois artistas foram completos:

O drama de Jorge Andrade permitia isso pela condição dramática dos agregados, por seu fervor religioso e pelo momento histórico pelo qual o país estava passando. Ele servia como um símbolo contra a nova ordem imposta pelo militares. Continha pólvora, era incendiário. Havia um sentimento de esmagamento generalizado, tudo estava pegando fogo e as labaredas do incêndio entravam pelas janelas do TBC.

Jorge pôde entender o país apesar de seus privilégios, pôde entender os agregados. Ele tentou fazer a análise do Brasil com uma voz paulista.

Em 1993, Antunes retomou a montagem de *Vereda* para homenagear os 30 anos de criação da peça. Foi o único a celebrar a data.

O novo encontro deu chance ao diretor de aprofundar os questionamentos apontados na peça e, talvez, enfatizar agora, não mais o que havia de genuinamente brasileiro (como fora

necessário fazer em 1964), mas revelar o universal que sempre esteve presente. Talvez por isso, a crítica teatral Mariângela Alves de Lima tenha ressaltado na montagem seu clima trágico dizendo: *a direção eliminou a minúcia e a introversão do teatro realista (...). Pode-se dizer que o arquétipo que Antunes utiliza é o da tragédia sofocliana, opondo um tema a outro igualmente grandioso. (...) Depois de três décadas,* Vereda da Salvação *retoma uma encenação à altura de sua complexidade, talvez num momento especialmente oportuno porque todos nós nos rendemos à complexidade do mundo, incapazes de viver as vigorosas dualidades de 1964.*[5]

A ausência das peças de Jorge Andrade dos palcos não é creditada pelo diretor à falta de qualidade de sua obra, ao contrário:

Ele foi muito injustiçado, porque sempre foi denso, não se sujeitava a modinhas; tinha pureza e consciência. Suas obras são secas e áridas. Ele é comedido e disciplinado. Jorge tinha ambições literárias. Tem um léxico poderoso. Talvez por isso os grupos não o encenem com frequência. Antes de mais nada, seus textos são discussões consigo mesmo; ele se "escavava". Procurava discutir e escavar fazendo do palco o espaço interno da mente.

Os personagens e situações que surgem desse processo de moagem de uma consciência não poderiam mesmo ser simples, especialmente em *Vereda da Salvação*, como bem viu o crítico Alberto Guzik, ao dizer: *Não há vilões nem heróis. Só gente acuada levada ao limite pela indiferença dos poderosos. Antunes faz das personagens meras pessoas que, levadas ao extremo, mostram ser feitas da matéria-prima dos mitos. Seus fanáticos são criminosos terríveis. Mas também ingênuos, heroicos personagens de uma tragédia cuja amplidão tétrica desconhecem.*[6]

Com certeza Jorge Andrade é um dos maiores dramaturgos do Brasil, finaliza Antunes.

[1] Depoimento concedido pelo diretor a Elizabeth R. Azevedo em junho de 2013 na sede do Grupo Macunaíma, SESC Consolação.

[2] *Peer Gynt* – peça de Henrik Ibsen, publicada em 1867, e montada por Antunes Filho em 1971.

[3] *Macunaíma* – romance de Mário de Andrade, publicado em 1928 e levado à cena em 1978 pelo o Grupo Pau Brasil, mais tarde rebatizado de Grupo de Teatro Macunaíma.

[4] O Estado de S. Paulo, 14-6-1964.

[5] Mariangela Alves de Lima. Antunes Filho presta tributo à grandeza de “Vereda”. O Estado de São Paulo, 4 de dezembro de 1993.

[6] Alberto Guzik. Resgate de uma obra-prima. Jornal da Tarde, 4 de dezembro de 1993.

Nascido em São Paulo, a 12 de dezembro de 1929, ***Antunes Filho*** destacou-se em meio à primeira geração dos encenadores modernos do Brasil. Dirigindo grandes nomes da cena nacional, consolidou seu prestígio com espetáculos marcantes como *O Diário de Anne Frank*, de Francis Goodrich e Albert Hackett (1958), *Plantão 21*, de Sidney Kingsley (1959) e *Yerma*, de García Lorca (1962), depois de uma estadia na Itália, Antunes Filho volta ao TBC para encenar *Vereda da Salvação*, de Jorge Andrade (1964) cujo processo de montagem submete o elenco a uma bateria de laboratórios físicos e psíquicos, na busca de um instinto e uma verdade que resultam num realismo chocante.

Além desses o diretor encenou, *A Megera Domada*, de Shakespeare (1965), *A Cozinha*, de Arnold Wesker (1968), *Peer Gynt*, de Ibsen (1971), *Bonitinha, mas Ordinária*, de Nelson Rodrigues (1973). Alcançou projeção internacional a partir de 1978 com a adaptação teatral da rapsódia literária de Mário de Andrade *Macunaíma*, espetáculo apresentado em cerca de 20 países, sempre com irrestritos elogios da crítica e aplauso do público.

E, em 1993, o diretor realizou a segunda encenação de *Vereda da Salvação* de Jorge Andrade.

POEMA DE ABERTURA

Veio das sombras,

Da memória de todos os tempos.

Do menino nascendo, veio.

Veio das novenas, das lajes, dos terços

E de sinos tangendo em mojolos e moinhos.

Do menino crescendo, veio.

Veio do orgulho, das árvores, das raízes

E de relógios sem ponteiros e máquinas Singer.

Do menino caminhando, veio.

Veio de estrelas já extintas e tão distantes

E de chuvas tão inúteis e de terras sem sementes.

Do menino falando, veio.

Veio do suor em enxadas e das lágrimas nas peneiras

E da injustiça feita homem-Deus-colono.

Do menino observando, veio.

Veio de perfumes, leques, retratos

E de mulheres com camafeu e de cortinas de filé.

Do menino sonhando, veio.

Veio de balaústres, demandas, heranças, lustres

E do sangue feito canga ou coroa de espinhos.

Do menino amando, veio.

Veio de rastelos cantando canções estrangeiras

E de todos os sangues que não correm em mim.

Do menino sofrendo, veio.

Veio de tábuas largas, melindrosas, telha-vã

E do menino ouvindo vissi darte e os visse damore

Entre latidos de cães, pés na enxurrada e mangas no chão.

Do menino humilhado, veio.

Veio de livros roubados e de pedras procuradas.

Veio de momentos vividos e sonhados.

Veio das sombras,

Da memória de todos os tempos.

Do menino libertado, veio!

À Helena e meus filhos,

pelo amanhã que trouxeram.

PERSONAGENS

JOAQUIM

DOLOR – mãe de Joaquim

MANOEL

ANA – filha de Manoel

GERALDO – filho de Manoel

ONOFRE

ARTULIANA

DURVALINA – mãe de Artuliana

CONCEIÇÃO – mulher de Pedro

GERMANA – mãe de Jovina

PEDRO

DALUZ

JOVINA e EVA – meninas de mais ou menos 10 anos

PRIMEIRO HOMEM

SEGUNDO HOMEM

TERCEIRO HOMEM

PRIMEIRA MULHER

SEGUNDA MULHER

TERCEIRA MULHER

OUTROS AGREGADOS

PRIMEIRO ATO

CENÁRIO: Clareira no meio de uma mata. Árvores frondosas formam uma muralha em volta de um grupo de casebres de pau a pique. Os casebres, cobertos com folhas de indaiá, estão dispostos em semicírculo quebrado, sendo que um deles, o da direita, é isolado dos outros, formando uma passagem por onde se avista, mais longe, o tronco das árvores. Tem-se a impressão de que os casebres estão sufocados pela mata exuberante; é como se estivessem no fundo de um poço, tendo como única saída a clareira das copas das árvores. Além dos casebres e da mata, só vemos, no círculo aberto pelas árvores, um céu avermelhado, no princípio; depois, coberto de estrelas. Mais ou menos no meio do cenário, uma cisterna serve a todos os casebres. O primeiro casebre da esquerda pertence a Manoel. Um corte na parede externa revela uma sala pequena com mesa, pilha de sacos cheios de cereais, bancos e caixotes; duas portas ligam a sala ao quarto e à cozinha. Do outro lado, em frente e isolado, o casebre de Joaquim. Outro corte nos revela uma sala semelhante à de Manoel, porém sem mesa e sem pilha de sacos. Alguns caixotes servem de bancos e, num canto, há uma grande imagem de Cristo, enfeitada com papéis coloridos. Numa tábua, amarrada à parede com arame, diversas bíblias estão enfileiradas. O casebre de Artuliana fica no centro do palco, entre o de Manoel e o de Joaquim. Um pouco fora do alinhamento e voltado ligeiramente para a esquerda, mostra mais o quarto do que a sala. No quarto, três jiraus servem de cama. Os casebres são mal construídos, dando a impressão de que poderão cair de uma hora para outra; os paus das paredes, mal dispostos, deixam ver o interior quando iluminados à noite.

ÉPOCA: Atual.

CENA: Quando se abre o pano, Artuliana está parada à porta de seu casebre. É de tarde e o sol vai se escondendo atrás da mata. É necessário que se dê a impressão, durante as primeiras cenas, de que a luz do dia vai desaparecendo. Artuliana é mais provocante do que bonita. Os seios, desenvolvidos e empinados, dão-lhe um todo insólito, agressivo. Um dos seios quase escapa por um rasgo no vestido. Há qualquer coisa em seu rosto e em seu corpo de bastante atrevido. Artuliana parece trazer consigo um grande segredo. Logo depois, Manoel aparece na sala de seu casebre, acabando de se vestir. Manoel é atarracado, sem ser baixo. O rosto é queimado de sol e as mãos calosas e de veias saltadas. A camisa revela um peito cheio de pelos. Seus movimentos são calmos e os olhos serenos. Seu rosto

queimado, a barba e os cabelos grisalhos, o corpo forte, fazem dele uma figura um pouco imponente. Manoel, apressado, acaba de abotoar a camisa e sai para o terreiro, parando quando avista Artuliana.

MANOEL: Já foram encontrar o Onofre?

ARTULIANA: Já deve estar tudo de volta.

MANOEL: Tinha um resto de milho p'ra amontoar. (*Aborrecido*) Ainda ficou serviço p'ra fazer.

ARTULIANA: Você não me deixa ajudar!

MANOEL: Por que não foi, também?

ARTULIANA: Não tive querença de ir.

MANOEL: (*Movimento para sair*) Bom!

ARTULIANA: Manoel!

MANOEL: Estou avexado, Artuliana.

ARTULIANA: Por que não pedimos p'ro Onofre casar a gente d'uma vez?

MANOEL: Nós já vai casar amanhã.

ARTULIANA: Não quero continuar dormindo longe de você.

MANOEL: A crença manda que só o enviado da Capital pode casar os outro. Esperamos tanto tempo, não custa esperar mais um dia.

ARTULIANA: Deito com você porque quero. P'ra que esconder?

MANOEL: Ninguém está escondendo nada. Um homem precisa de companheira p'ra sua casa, p'ra roça... p'ra tudo! Isso nunca foi pecado. Amanhã quando voltar do Tabocal, você vai p'ra minha casa.

ARTULIANA: Dia mais lerdo, esse, p'ra chegar.

MANOEL: (*Ligeira dúvida*) Se fosse pecado, Artuliana, nós não existia. Nem os animal! (*Procura uma justificativa*) Até parece que o mundo virou morada de pecado!

ARTULIANA: É que... só matino com você, Manoel. Não tenho mais serventia p'ra nada... fico andando à toa na casa dos outro! (*Passa as mãos no peito de Manoel*) Manoel! (*Beijam-se. Manoel afasta-se, procurando controlar um desejo fácil de brotar*)

MANOEL: Amanhã, a essas hora, nós já é marido e mulher.

ARTULIANA: (*Insinua*) Depois, podemos ir de mudança p'ro sul!

MANOEL: Não. Não vamos sair daqui.

ARTULIANA: É melhor, Manoel. Lá tem bastante serviço.

MANOEL: Serviço é o que não me falta.

Os agregados, em fila, aparecem na passagem, acompanhando Onofre.

ARTULIANA: Meu pai escreveu tanta beleza! Todo mundo viu a carta. Algodão p'ra toda parte, serviço com fartura, terra sobrando! Até a nova crença o Onofre trouxe de lá, Manoel.

MANOEL: Lugar nosso é aqui. (*Pressentem a chegada dos agregados*)

ARTULIANA: Já estão aí.

MANOEL: (*Calmo*) Fica quieta! Amanhã, no Tabocal, o enviado da Capital casa a gente.

Artuliana entra em seu casebre e Manoel, controlando-se, dirige-se ao encontro de Onofre. Onofre, como quase todos os outros homens, é bastante magro, corpo ligeiramente curvado, braços fortes, porém um pouco deformados. Joaquim entra ao lado de Onofre e é ainda mais magro do que este. Sua fronte é funda e a face fina. Uma barba rala toma metade de seu rosto, sendo ligeiramente mais alto do que os outros homens. A roupa é limpa, deixando à mostra boa parte do corpo, magro, encordoado como os braços. Ao lado de Joaquim, entra Dolor. Como as outras mulheres, tem os seios muito caídos e é seca de corpo. Qualquer coisa nelas indica que não são tão velhas como aparentam ser. São mais estragadas pelo meio do que pelo tempo.

ONOFRE: Louvado, irmão!

MANOEL: P'ra sempre louvado!

ONOFRE: Que aconteceu, Manoel?

MANOEL: Nada! Por quê?

ONOFRE: Não foi no encontro!

MANOEL: Tive que terminar um serviço.

ONOFRE: Na semana das penitência, Manoel?!

MANOEL: O milho estava em tempo de apodrecer.

ONOFRE: Trabalhar é também alegramento p'ra Deus.

MANOEL: Sempre foi.

ONOFRE: O único que Ele permite... mas fora da semana das penitências, Manoel.

MANOEL: (*Meio acanhado*) Está certo, Onofre.

Ana entra, à direita, no primeiro plano, para, olha rapidamente os agregados, depois atravessa toda a cena, desaparecendo atrás de seu casebre. Ana está com chapéu de palha, calça comprida debaixo da saia e traz numa das mãos uma cabaça de água e, nos ombros, uma enxada. É moça ainda, ligeiramente atarracada como o pai e com a mesma decisão no rosto. Atravessa o terreiro ignorando propositalmente a presença de Onofre. Os agregados observam Ana. Manoel abaixa, ligeiramente, a cabeça. Enquanto isso, Jovina entrou no meio dos agregados, correndo atrás de Eva. Eva segura-se em Manoel, escondendo-se.

GERMANA: (*Puxa Jovina*) Peste! Fica quieta!

1ª MULHER: (*Empurra Eva, dando-lhe coques*) Toma tento, desgraçada! Tu só sabe brincar!

Jovina e Eva ficam perto das mães e, de vez em quando, olham-se ainda com ar de riso. Onofre fica no centro do terreiro e os agregados formam um semicirculo à sua volta.

ONOFRE: Vim trazer a palavra. Será pouca, mas sustanciosa! A palavra que o Cristo mandou espalhar como cinza de queimada em rodamunho! Nova espada de Cristo! Aqui está seus crente! E aqui está o apóstolo Onofre, cavaleiro da monarquia e seus par. Meus irmão! Nossos inimigos vão conhecer que o Cristo é vivo... e que ELE já está no mundo p'ra encontrá e guiar nós tudo. Então, Deus vai abrir as nuvem como porta do céu e mostrar o caminho, o derradeiro da salvação. Caminho alumiado de estrela, onde os anjo passa voando. É nele que a gente sobe no Paraíso.

JOAQUIM: Louvado é o Cristo!

AGREGADOS: Louvado! P'ra sempre louvado! Louvado!

ONOFRE: Quando Cristo tinha suas andança na Terra, um dia vieram de encontro DELE os endemoniado... e foram logo deitando ofensa. Com a ordenança do Cristo os demônios saíram do corpo dos homens p'ra entrar numa partida de porco que andava fucinhando ali por perto; e eis que toda a manada, por ordem de Deus, saiu correndo em direção da morte.

Só assim foi exterminado os demônio... e os homens livre deles puderam subir no caminho do Cristo! Por isso, meus irmãos, é preciso merecer, não trazer impureza no corpo. Quem não livrar o corpo de tudo que segura a gente na Terra, não pode subir no caminho estrelante! Amanhã, vocês vão p'ra cidade do Tabocal em peregrinação... vão conhecer nossa igreja e encontrar o enviado da Capital. Faz um ano que ele visitou nós. Amanhã será só alegria p'ra ele e p'ra todo mundo. (*Pequena pausa*) Depois desta semana de oração e penitência, desses dia de jejum, é preciso perdoar, pagar as dívida visível e invisível, botar todas as maldade p'ra fora. Deus não gosta dessas coisa. O sacrifício da humilhação é o único que purifica o corpo. (*Artuliana sai do casebre e junta-se aos agregados*) Qual é o primeiro? Será que estão puros? Estão, irmãos?!

GERALDO: (*Ajoelha-se diante de um dos agregados*) Devo vinte mil-réis p'ra você. Só tenho dez. Toma! Não tenho mais.

ONOFRE: A intenção é que vale. Tenho que visitar outras fazenda. P'ra vocês, esta é a hora do perdão.

CONCEIÇÃO: (*Empurra Pedro*) Fala!

PEDRO: Falar o quê?

CONCEIÇÃO: Fala, Pedro! Você sabe!

PEDRO: (*Adianta-se, acanhado*) Eu...

ONOFRE: Ajoelha, irmão!

PEDRO: Eu... Não é que bebi um gole de cachaça, lá na vendinha do Figueredo? (*Sorri e fala rápido*) Não sei como foi acontecer! (*Bom humor*) Foi só um golinho à toa. O peito tava chiando que danava!

ONOFRE: Pedro! Jesus derramou o sangue p'ra salvar os homem.

PEDRO: É como sem dúvida!

ONOFRE: P'ra nós, ELE só pede uma vida ordeira, limpa. Uns precisa ajudar os outro, levando vida de ordem, acabando com esses lugar de malvadeza.

PEDRO: Isso tem os seus conforme! Tem!

CONCEIÇÃO: Ficar bebendo nas venda é arrumar danação.

PEDRO: Foi só um golinho de nada, mulher!

ONOFRE: O povo do progresso é que não abandona essas coisa, por isso vive em desassossego, Pedro.

PEDRO: Perdão em Deus!

ONOFRE: Perdoado, irmão!

GERALDO: Se beber outra vez, será cortado da igreja.

PEDRO: Era p'ros peito.

ONOFRE: Deus tem seus remédio, Pedro.

PEDRO: É como sem dúvida!

GERMANA: (*Ajoelha-se diante de Durvalina*) Comadre! P'ra pagar o leite da cabra, trago este saco de paina. É o que tenho.

DURVALINA: Perdoada em Deus.

Os agregados vão se ajoelhando, um em frente do outro. Só Onofre fica de pé. Jovina e Eva ajoelham-se e ficam olhando para os agregados, um pouco divertidas.

MANOEL: (*Diante de Onofre*) Perdão em Deus!

DURVALINA: (*Passa o braço no ombro de Artuliana*) Perdoa nós! Perdoa todo mundo pelas ofensa escondida!

AGREGADOS: Perdão! Perdão em Deus! Perdão! Perdão em Deus! Perdoa nós!

ONOFRE: Perdoado! Perdoada em Deus! Perdoado, irmão! Perdoado em Deus!

JOAQUIM: Perdão a todos irmão presente e ausente!

ONOFRE: Perdoado, irmão! (*Os agregados levantam-se*) Agora que fizeram o sacrifício da humilhação...!

JOAQUIM: Nem todos, Onofre.

Os agregados entreolham-se. Artuliana retesa-se ligeiramente, em expectativa. Durvalina olha Artuliana e Manoel, disfarçando certa ansiedade. Ana aparece na sala de seu casebre e vai observar os agregados por entre os paus da parede.

JOAQUIM: A Ana ainda não quis aceitar as palavra, irmão?

MANOEL: Não.

JOAQUIM: Isso não é das conveniência de Deus, irmão.

MANOEL: Entendimento da crença é coisa serena, Joaquim.

JOAQUIM: Desobedecimento assim já é cegueira.

MANOEL: (*Calmo*) Segui seus mandamento quando voltou p'ro sul, Onofre: decorar a escrita da Bíblia e não forçar a mão com ninguém.

ONOFRE: A gente precisa ser de paz.

MANOEL: Não recebi a luz das letra, mas decorei muitas palavra do livro, fiz o que a obrigação dava jeito. (*Com certo orgulho*) Entrei com influição e quantas pessoas não foi iluminada? Foi com os meus poder que muitos se converteu! Falta a Ana. Um dia ela vai ser.

ANA: (*Afasta-se da parede numa atitude decidida*)

JOAQUIM: Se um homem não tem mando na sua casa, como vai zelar dos irmãos? Foi Deus mesmo que falou, Manoel. Está escrito no livro.

MANOEL: Quem não tem mando na sua casa?

JOAQUIM: A Ana não tem obedecimento, irmão! Gente assim ofende Deus. Faz brotar o pecado.

MANOEL: Nosso Deus não quer entrar obrigado no coração de ninguém.

JOAQUIM: É o pecado que não deixa.

CONCEIÇÃO: Se alguém carregar algum pecado, Manoel, Deus fica bravo e castiga todos!

MANOEL: Não tenho pecado nenhum, Conceição. Nem minha filha.

JOAQUIM: Todo mundo tem pecado escondido, irmão.

MANOEL: Eu não tenho.

JOAQUIM: Até parece que você é soberbo, irmão.

ONOFRE: Joaquim! Não quero discutição. Malquerença também é pecado maior. E o pecado é a arma de satanás p'ra gorar a peregrinação. Demônio é coisa invisível, ninguém pode ver, saber que está com ele no corpo. Tudo pode ser ele. Toma tento, meus irmão! Porque o

novo Cristo já pode estar nas vizinhança. (*Conciliador*) Manoel! P'ra maior grandeza do Deus, é preciso continuar as conversão. Procura mostrar as razão p'ra Ana. O progresso da crença carece de continuar... até dobrar o mundo e a Bahia também.

MANOEL: Eu sei, Onofre.

ONOFRE: Vocês são os chefe aqui... deve de exemplar. Levem, em paz, os irmãos p'ro Tabocal.

MANOEL: Saímos no clarear do dia.

ONOFRE: Esparramar a luz dos conhecimento é tarefa nossa, Joaquim! Faça todos continuar o jejum. Precisam estar puros p'ra entrar na casa de Deus, no Tabocal.

JOAQUIM: Todo mundo vai ficar puro, Onofre.

ONOFRE: Afastem os maus pensamento, façam o sacrifício da fome, sintam amor um pelo outro e não tenham soberba.

MANOEL: Ninguém tem, Onofre.

ONOFRE: É assim que os horizonte fica tudo como porta aberta. É preciso levar uma vida justa, não fumar, não beber, não comer carne de certas criação. São ordens do livro. Amanhã, com os irmãos da fé de todas as fazenda, vamos se humilhar diante do Senhor. Deus esteja com vocês.

Onofre sai acompanhado por Joaquim e Geraldo. Algumas mulheres e homens beijam suas mãos. Os agregados vão entrando em seus casebres. Ana desaparece em seu quarto.

EVA: Vamos catar coco?

JOVINA: Fala baixo!

EVA: Ninguém vê. Vamos!

JOVINA: Aonde?

EVA: Na roça. Nem a Ana está lá. Vem!

As duas meninas saem, disfarçando. Artuliana e Durvalina param e olham Manoel que, sem olhar Artuliana, entra em sua sala. Manoel examina as paredes do casebre, entra na cozinha, volta com um couro curtido de boi, senta-se e começa a cortar o couro em tiras.

DURVALINA: Por que não falou, minha filha?

ARTULIANA: Falar o quê?

DURVALINA: Que está prenha do Manoel.

ARTULIANA: Mulher é p'ra ficar prenha. Todas não fica? (*Entra no casebre*)

DURVALINA: Se pedisse perdão na frente do Onofre ia ser melhor. Já ficava resolvido.

ARTULIANA: Isso é questão do Manoel.

DURVALINA: Você prometeu falar no pedido de perdão, Artuliana!

ARTULIANA: Prometi falar com o Manoel. Ele não quis. Tá acabado.

DURVALINA: Vai ter que falar no Tabocal, na frente de todo mundo.

ARTULIANA: Falo nada. Isso não é pecado. Se fosse assim, os animal também precisava andar pedindo perdão.

DURVALINA: (*Subitamente*) Você deitou com o Manoel essa semana? Nas penitência?

ARTULIANA: E se tivesse deitado? Vou ser mulher dele, não vou? Ele pode me pegar a hora que quiser.

DURVALINA: Não fala isso!

ARTULIANA: Falo! Deito com o Manoel até hoje... depende só das vontade dele.

DURVALINA: Até parece que você anda tentada, Artuliana!

ARTULIANA: Ando coisa nenhuma. Amanhã acaba tudo isso e vou p'ra casa do Manoel d'uma vez. Deus não escreveu no livro que tudo é de pureza quando tem benquerença? Então! Preciso é arrumar minhas roupa, isto sim.

MANOEL: Ana!

ANA: (*Voz*) Senhor.

MANOEL: Vem cá, minha filha! (*Examina o casebre*) Precisamos dar um conserto nisto.

ANA: (*Entrando*) Não vamos fazer casa na roça?!

MANOEL: Vamos.

ANA: P'ra quê, então?

MANOEL: Traz as cadeira! (*Ana sai e volta, logo depois, com duas cadeiras sem assento*)

DURVALINA: (*Vendo Artuliana juntando suas coisas*) Seu pai prometeu buscar a gente, mas nunca que aparece. Se pelo menos ele tivesse aqui.

ARTULIANA: O pai não volta mais do sul, mãe. (*Para, subitamente*) É lá que meu filho vai nascer. Não tenho duvidança.

Durvalina observa Daluz que passa com o filho no colo. Subitamente, toma uma resolução, seguindo-a. Enquanto se passam as cenas seguintes, vemos Artuliana em seu quarto arrumando uma velha mala de papelão, onde coloca pouca roupa e muita bugiganga: caixinhas de sabonete, pó de arroz etc. Enquanto arruma, Artuliana canta. Seu canto sobressai nos momentos de pausa nas cenas do casebre de Manoel.

MANOEL: Se tudo correr bem, fazemos uma casa melhor. Desta vez quero cobrir com telha e fazer um paiolão.

ANA: Pai! Carece ter mais malícia com esse sujeito.

MANOEL: Quem?

ANA: Joaquim. Ele anda com alguma traição na cabeça.

MANOEL: Joaquim quer é que todo mundo seja crente. Só isso.

ANA: Sei não, pai.

MANOEL: Não precisa ter medo, minha filha. Ninguém vai obrigar você a trocar de religião. Deus escolhe uma hora p'ra cada um. Eu também vivi a vida inteira na crença errada. (*Pausa*) Depois... Joaquim não é homem p'ra me fazer traição. É um coitado! O livro manda a gente ter pena das fraqueza, Ana. É de caridade.

Joaquim e Geraldo aparecem saindo da mata.

ANA: Essa gente não quer é trabalhar, pai. Joaquim menos ainda. Fica pensando em voar p'ro céu feito passarinho! Onde já se viu! O senhor trabalha, não precisa disto.

MANOEL: (*Encerrando o assunto*) Deus é que sabe das suas vontade.

Depois de hesitar, Ana vira-se e entra na cozinha. O canto de Artuliana se eleva um pouco. Manoel olha na direção de Artuliana e sorri. Joaquim para no meio do terreiro e fica imóvel, olhando o casebre de Artuliana. Geraldo entra na sala e observa Manoel, que continua trançando o couro.

GERALDO: (*Hesita*) Ana! Ana!

MANOEL: Por que não falou que estava devendo, meu filho?

GERALDO: A dívida é minha.

MANOEL: Um pai responde também por um filho. Está escrito no livro.

GERALDO: Acho bom que cada um cumpra suas obrigação!

Manoel levanta a cabeça e observa Geraldo. Neste instante, Artuliana interrompe o canto, olhando na direção do terreiro, como se tivesse um ligeiro pressentimento. Depois, retoma o canto. Joaquim continua imóvel, olhando o casebre de Artuliana.

ANA: (*Entrando*) Que que você quer?

GERALDO: Pai! O senhor sabe que quem não vive como crente, vive como ninguém? Vive sem Deus.

ANA: Eu tenho Deus também.

GERALDO: Um Deus sem propósito.

ANA: Não troco de Deus, já disse.

GERALDO: Isso é um vexame p'ra nós, pai.

MANOEL: Deus não ilumina todos num tempo só, meu filho.

ANA: Não quero mesmo saber dessa doidura.

GERALDO: Isso é soberba de danação, pai!

ANA: A igreja dos padre não manda faltar com a obrigação, como você anda fazendo.

GERALDO: Mas foi gente da sua igreja que tomou tudo que era nosso.

ANA: Quem? Quem tomou alguma coisa de nós? Nós não passa de agregado, nada mais.

MANOEL: Conversa raiventa ofende Deus.

GERALDO: (*De repente*) Você não é mais o chefe, pai.

MANOEL: Quem disse?

GERALDO: É Deus que manda agora.

MANOEL: E eu sou o chefe dele aqui. Mando na Ana, mando em você, mando em todo mundo!

E chega de bate-boca! Não quero saber de malquerença na minha casa.

GERALDO: Demônio é bicho caviloso, Ana! Toma tento!

Geraldo sai, olha ligeiramente para Joaquim, abaixa a cabeça e desaparece entre os casebres. Joaquim retesa-se todo, ficando de olhos fixos na porta de Manoel.

ANA: É o Joaquim, pai. Está virando a cabeça de todos.

MANOEL: Geraldo é arrevezado, mas conserta.

ANA: Só vive acompanhando esse Joaquim. Não trabalha mais!

MANOEL: Estão apurando a igreja de Deus.

ANA: Sinto vexame da fazenda, pai. "Seu" Francisco e dona Rita já estão pensando que somos tudo doido.

MANOEL: O pensamento de Deus é que vale.

ANA: Mas é a fazenda que manda, pai!

MANOEL: Não carece ter muita obediência, não. E não gosto das suas andança na fazenda.

ANA: Por que não?

MANOEL: Não são crente.

ANA: Eu também não.

MANOEL: Gente que tem parte com coisa que não presta.

ANA: Nós vivia muito bem na crença dos padre. Não tinha nada dessas coisa de contar pecado na frente de todo mundo, conversar com o Espírito Santo como se fosse gente, acreditar que vai voar p'ro céu com esse corpo! Lá isso é religião, pai? Advento da Promessa! Promessa do quê?

MANOEL: A gente era dos padre. Não adiantou. O Advento da Promessa pelo menos deu união, respeito p'ra todos.

ANA: O senhor parece que está perdendo a cabeça, pai! Onde já se viu passar três dias sem comer nem beber! Ficar uma semana à toa... com nosso milho apodrecendo nos monte!

MANOEL: É por amor do Cristo. ELE já pode estar penando na terra.

ANA: O senhor acredita mesmo nisto, pai? Que o Cristo anda escondido por aí?

MANOEL: Acredito! O Onofre disse que qualquer dia ELE vai aparecer... pobre como nós mesmo, mais sofredor que nós tudo junto. E não vai aparecer como imagem de santo, não!... coberta de ouro e prata! Pode ser até um agregado, escondido em nome de gente do mundo!

ANA: Isso parece mais doidera, pai!

MANOEL: Você não quer entender, Ana! Essa teimosia sua que eu não sei da onde vem, vai acabar ofendendo Deus!

ANA: Entendo que precisamos trabalhar...!

MANOEL: Você não é crente, não conhece a palavra certa!

ANA: Conheço o trabalho. É o que tenho feito sozinha esta semana.

MANOEL: P'ra entender precisa saber dos assunto. Vai cuidar da obrigação!

Ana olha para Manoel e contrai o rosto, enraivecida. De repente, volta-se e desaparece na cozinha. Durante um momento, Manoel fica pensativo e preocupado. Durante a cena que se segue, conserta as cadeiras. Durvalina aparece à porta de um dos casebres, puxando Daluz, que traz uma criança no colo. Daluz parece não querer acompanhá-la.

DURVALINA: (*Depois de ter hesitado*) Joaquim!

Joaquim, ainda olhando o casebre de Manoel, não dá sinal da presença de Durvalina. Dolor aparece à porta da cozinha de seu casebre, como se tivesse interrompido seu serviço; olha preocupada na direção de Joaquim e, hesitante, atravessa a sala, dirigindo-se para a porta.

DURVALINA: (*Pega no braço de Joaquim*) Joaquim!

DALUZ: (*Recua e fica olhando Joaquim*)

DURVALINA: Joaquim! Você não ouve?

JOAQUIM: (*Estremece*) Que é, Durvalina?

DURVALINA: A Daluz pode dar de mamar?

JOAQUIM: Não.

DURVALINA: Leite de mãe não é comida que ofende Deus, Joaquim.

JOAQUIM: Não pode, já disse.

DURVALINA: Três dias é demais p'ra uma criança ficar sem alimento.

JOAQUIM: Criança também não é gente?

DURVALINA: Só os grande têm pecado. Filho miúdo é recado de Deus!

DOLOR: (*Sai à porta e observa Joaquim*)

JOAQUIM: Ninguém sabe do que nasce. Certas coisa fica perdido nas distância.

DURVALINA: Demônio só tem figura de gente grande, não é, Dolor? Criança de peito... ou cria na barriga... ainda está com a pureza do céu.

JOAQUIM: O Onofre disse que tudo pode ser ele.

DURVALINA: (*Meio angustiada*) É só por causa do menino da Daluz. Só por isso. Ele está mofino, Dolor!

JOAQUIM: Seria o mesmo que dar o peito p'ro danado!

DALUZ: Credo em cruz! (*Sai correndo*) Credo em cruz!

JOAQUIM: Ele pode estar por aqui, sondando! E isso é obra de qualquer um animoso p'ro lado ruim, p'ro lado de fazer o mal.

DURVALINA: (*Aflita*) Se ele pode estar aqui... então, vamos se embora, Joaquim. No Tabocal a gente pode dar de comer p'ras criança.

JOAQUIM: Ainda tem pecado entre nós.

DURVALINA: (*Meio desorientada*) Que é que a gente pode fazer! Pecado é coisa escondida. Ninguém vê, não é, Dolor?

DOLOR: Que pecado, Joaquim?

JOAQUIM: A Ana precisa converter hoje ainda! Essa teimosia pode ser soberba do danado!

DOLOR: Joaquim! Nós não tinha p'ra onde ir. Foi o Manoel que trouxe a gente. Larga mão da Ana! Devemos muito ao Manoel.

JOAQUIM: Devemos a Deus. Somente a Deus!

DOLOR: Eu sei. Mas é o Manoel que é de valença na fazenda. Deu palavra p'ra nós, arranjou terra.

DURVALINA: P'ra nós também.

JOAQUIM: Isso são amizades com gente que tem mando que não presta p'ros crente.

DURVALINA: (*Suplicante*) Joaquim! Chama o Manoel! Vamos se embora! O sol já está trabalhando às esquerda. Podemos chegar no Tabocal de antes da boca da noite.

JOAQUIM: Que é isso, Durvalina? A peregrinação é amanhã! Por que esse avexamento?!

DURVALINA: Você diz que tem pecado escondido. Tenho medo de não chegar no Tabocal.

JOAQUIM: Que que você tem, Durvalina?!

DURVALINA: Nada! Nada, Joaquim. É que o danado é ligeiro... (*Caminha para o seu casebre*)... é ligeiro. Artuliana! (*Desaparece no casebre*) Artuliana!

DOLOR: Joaquim! Que que aconteceu entre você e o Manoel?

JOAQUIM: (*Entra na sala, fugindo*) Nada.

DOLOR: Uma semana que você vem acusando o Manoel, jogando Geraldo contra o pai. (*Gesto de Joaquim*) Eu sei! Eu vi! Manoel é bom, meu filho. Por que essa raiva?

JOAQUIM: Tenho raiva coisa nenhuma, mãe. Cuido da crença. É preciso tomar tento com os infiel. Demônio é bicho caviloso!

DOLOR: Se continua assim, perdemos o que sobrou da roça.

JOAQUIM: Nunca mais vamos perder roça, mãe.

DOLOR: A gente não finca pé em lugar nenhum.

JOAQUIM: Agora é diferente, mãe.

DOLOR: Estou cansada, Joaquim. Quero parar.

JOAQUIM: (*Carinhoso*) Não precisa preocupar, mãe. Não mudo mais de fazenda.

DOLOR: (*Pausa*) Joaquim! Quando é que você vai tratar casamento?

JOAQUIM: (*Sorri*) Não sei, mãe! Deus é que sabe.

DOLOR: (*Anima-se*) Por que não casa com Artuliana? Ela é uma moça sacudida. Logo a gente podia arrendar mais terra.

JOAQUIM: A semana das penitência não é tempo de matinar nesses assunto.

DOLOR: O enviado da Igreja está aí, fica fácil. Senão, vai ter que esperar até o ano que vem.

Fala com Artuliana amanhã no Tabocal! Nossa vida havéra de melhorar muito!

JOAQUIM: (*Confuso*) Ora, mãe!

DOLOR: Ela não quer você?

JOAQUIM: Não quero filho... assim!

DOLOR: Assim, como?

JOAQUIM: (*Mudando o pensamento*) Parece que nasce só p'ra morrer.

DOLOR: Sempre algum vinga.

JOAQUIM: Vingar p'ra quê, mãe?

DOLOR: Deus manda crescer e pôr filho no mundo. Você leu a ordem no livro. Nós estamos precisando de braço, meu filho. Deus entende da nossa vida.

JOAQUIM: Agora, todos são irmão, acode quando é preciso. Assim manda a nossa crença.

DOLOR: Escuta uma coisa, meu filho: sem filho a gente não pode melhorar. Filho é que é riqueza de pobre. Eles dá despesa quando miúdo, mas ajuda bastante depois que cresce.

JOAQUIM: (*Impaciente*) Isso é das querença de Deus, mãe.

DOLOR: Família grande adjutora mais, rompe mais p'ra frente.

JOAQUIM: Você ainda tem eu. Sempre combinamos, mãe!

DOLOR: Promete falar com Artuliana, meu filho. Promete!

JOAQUIM: Se for das vontade de Deus, amanhã no Tabocal eu falo.

DOLOR: (*Satisfeita*) Deus não pede as querença tudo p'ra Ele. Sempre matutei com uma mesa farta, cheia de gente satisfeita. Que mais que a gente pode esperar?

JOAQUIM: Já matinei com Artuliana, mãe. Mas, parece que o Deus não quer!

DOLOR: (*Abraça Joaquim com carinho*) Joaquim!

JOAQUIM: Nós tem vivido muito bem. Nós se ajuda e nunca se largamos.

DOLOR: Você sente que tem algum pecado que não sabe?

JOAQUIM: (*Separa-se de Dolor, irritado*) Não tenho pecado nenhum! Nenhum! (*Controla-se*) Sou pastor de Deus. E só isto.

DOLOR: Meu filho! Chama o Manoel e leva essa gente p'ro Tabocal. Hoje! Agorinha mesmo.

Durvalina e Artuliana aparecem à porta de seu casebre e examinam o terreiro.

JOAQUIM: (*Estranha*) A peregrinação é amanhã!

DOLOR: Leva assim mesmo. Por mim!

JOAQUIM: (*Meio assustado*) Você também está como a Durvalina, mãe?!

DURVALINA: (*Fora*) Vai p'ro Tabocal! Espera nós lá!

DOLOR: Tenho medo, Joaquim!

JOAQUIM: O Manoel precisa se humilhar. Essa teoria de mandar é danação!

DURVALINA: (*Fora*) Ligeiro, Artuliana! Não fica aí, parada! Do Tabocal a gente vai caçar seu pai.

DOLOR: Larga do Manoel, meu filho.

DURVALINA: (*Fora*) Vai-se embora, Artuliana! Pelas chagas de Cristo! (*Entra*)

JOAQUIM: Ele é pecador. Eu sei. Sempre foi pecador. Casou três vez e encheu esse mundo de filho impuro. Vigia essa Ana!

DOLOR: Fazenda não dá colocação p'ra pouco braço, meu filho.

JOAQUIM: Deus tem muitos braço, mãe... pode manejar um despropósito de enxada.

DOLOR: Quem mora na roça precisa de companheira, Joaquim. Senão... vive muito só!... não dá conta do serviço.

ARTULIANA: (*Resolvendo-se, dirige-se para o casebre de Manoel*)

JOAQUIM: Não fica cismando com isso, mãe. Deus vai mudar tudo!

Joaquim sai para o terreiro, como se quisesse fugir de Dolor. Dolor fica parada, faz um gesto de desânimo e sai para a cozinha. Artuliana leva um susto e para, voltando-se para Joaquim. Joaquim olha fixamente para ela. Artuliana, disfarçando, dirige-se para o poço. Qualquer coisa cresce dentro de Joaquim, que se volta ligeiramente, e olha para seu casebre; depois vira-se para Artuliana. Por um momento os dois se observam. Joaquim procura dar uma certa força na voz, que vai se tornando pouco a pouco fria e cortante. Seus gestos e atitudes são uma mistura de agressividade e submissão ao mesmo tempo.

JOAQUIM: Artuliana!

ARTULIANA: Que é?

JOAQUIM: Que está acontecendo com você?

ARTULIANA: Nada. Por quê?

JOAQUIM: Você anda muito mal ouvida, muito fugida.

ARTULIANA: Estou fugida coisa nenhuma.

JOAQUIM: Gostava de ver você trabalhar no eito. Varava primeiro que qualquer homem. Você na enxada é de valia p'rum homem.

ARTULIANA: Os dia anda quente. É só isso.

JOAQUIM: De primeiro, fazia tudo que a igreja mandava. Depois garrou não ouvir mais nada.

ARTULIANA: Sou a mesma.

JOAQUIM: Passa os dia quentando sol, andando pelo mato. Vive na casa dos vizinho... sem fazer nada.

ARTULIANA: Não é pecado trabalhar na semana das penitência? Então!

JOAQUIM: Não o trabalho p'ra Deus.

ARTULIANA: Você que vive assuntando a gente.

JOAQUIM: Tenho que cuidar das alma.

ARTULIANA: Cada um cuida da sua.

Subitamente, Joaquim cai ajoelhado, levando as mãos na direção do corpo de Artuliana. Há no rosto de Joaquim uma angústia, uma súplica dolorosa que não se dirigem ao corpo de Artuliana.

JOAQUIM: Artuliana!

Artuliana fica firme diante de Joaquim, olhando-o quase com desprezo. Por um momento, parece ficar mais bonita, provocadora.

JOAQUIM: Perdão em Deus! Perdão em Deus, Artuliana!

ARTULIANA: Lá vem você com isso outra vez, Joaquim!

JOAQUIM: A gente não sabe se tem alguma maldade escondida.

ARTULIANA: Se você tem, não é da minha conta.

JOAQUIM: Pecado é da conta de todo mundo. Suja tudo... todos!

ARTULIANA: Eu não tenho. Não tenho maldade nenhuma escondida. Está ouvindo? Nenhuma.

JOAQUIM: Gente como eu, não pode estar com cobiça de mulher, Artuliana.

ARTULIANA: Por que não? Tu não é homem?

JOAQUIM: Não posso casar, nem ter andança em debocheira.

ARTULIANA: Quem disse?

JOAQUIM: Está no livro.

ARTULIANA: Deus nunca falou isso. Não pode é ter mais de uma mulher d'uma vez.

JOAQUIM: Sou pastor das almas. (*Consigo mesmo*) É o que minha mãe não entende.

ARTULIANA: Tem pastor que casa.

JOAQUIM: Então, não é pastor de Deus.

ARTULIANA: Padre é que não casa.

JOAQUIM: Cristo não casou!

ARTULIANA: Isso é o Cristo. Não é homem do mundo. P'ra que pedir perdão? Você não me fez mal.

JOAQUIM: Querer o que não pode também é pecado.

ARTULIANA: Você não quer é sustentar família, Joaquim. Sem família, homem não é nada.

JOAQUIM: (*Com esforço*) Amanhã, Jesus vai indicar uma mulher p'ra mim. Quero que seja você, Artuliana.

ARTULIANA: Ainda não tem mulher nem filho, não toca roça grande e quer mandar.

JOAQUIM: O Cristo não tinha e mandava.

ARTULIANA: Isso é o Cristo do livro!

JOAQUIM: Sou o chefe dele no mundo!

ARTULIANA: Quem é chefe aqui é o Manoel.

JOAQUIM: Não fala isso!

ARTULIANA: Casou três vez, tem filho morando em tudo que é fazenda.

JOAQUIM: Não tem leitura como eu. Um chefe precisa saber o que vem nos papel.

ARTULIANA: Saber p'ra quê? A gente não come papel! Não é papel que garra no cabo da enxada! Manoel sempre foi nosso chefe e nunca fez maldade.

JOAQUIM: Só sabe emprenhar!

ARTULIANA: P'ra isso é homem! Mulher que deita com ele, é mulher mãe de filho! Tem cincoenta anos e... aposto que casa ainda.

JOAQUIM: É um velho de parte com o demônio!

ARTULIANA: Quem dá vida p'ra filho é que é pastor de Deus. Sabe do sofrimento do mundo.

JOAQUIM: (*Meio atormentado*) Mulher e homem pode casar sem carecer de filho.

ARTULIANA: Então, p'ra que casar?

JOAQUIM: Filho pode ser trazido pelo Espírito Santo!

ARTULIANA: Deixa de ser besta, Joaquim! Isso é coisa de santa!

DURVALINA: (*Aparece, aflita, à porta de seu casebre*) Artuliana!

ARTULIANA: Isso é comigo, mãe.

JOAQUIM: Por que você defende o Manoel?

DURVALINA: Ela nem sabe o que fala, Joaquim.

ARTULIANA: Sei, sim. Não sou eu que defende, é todo mundo.

Joaquim olha furioso para Artuliana. Subitamente, corre entrando no casebre de Manoel. Manoel, ainda trançando couro, nem olha para Joaquim, embora perceba sua presença.

DURVALINA: Desgraçada! Que foi fazer?

ARTULIANA: Quem é ele p'ra mandar na gente! Nunca morou aqui, não aguenta quebrar nem um carro de milho! Só porque conhece os escrito, não vai mandar em mim.

DURVALINA: Manoel mandou você ficar quieta, Artuliana!

ARTULIANA: É p'ra resolver. Não quero esconder mais nada. Deitei com o Manoel, estou com filho dele... e tenho vontade de gritar isto p'ro mundo inteiro. Vai! Vai se embora, mãe!

Artuliana encosta-se no poço e fica esperando. Durvalina pega o balde e começa a tirar água do poço.

JOAQUIM: Vim p'ra acabar essa questão.

MANOEL: Que questão?

JOAQUIM: Tem mau pensamento entre nós.

MANOEL: Que pensamento?

JOAQUIM: Você não tem aceitação de mim.

MANOEL: Se não tivesse, não tinha dado terra p'ra você.

JOAQUIM: Isso não basta.

MANOEL: P'ra mim basta.

JOAQUIM: (*Cai de joelhos*) Perdão! Perdão em Deus!

MANOEL: Não amole com isso, Joaquim!

JOAQUIM: Você não é diferente dos outro. Não sabe se tem coisa escondida.

MANOEL: Se tenho coisa escondida como é que vou saber? Não sou Deus! Desde a semana passada que você vem com esse negócio de coisa escondida, de pedir perdão toda hora. Não pedi e não peço.

JOAQUIM: A gente agora é uma família só. A fraqueza de um, perde os outro.

MANOEL: E tem mais: não gosto que fica pondo coisa na cabeça do meu filho. E deixa da Ana! Está ouvindo? Isso é assunto meu.

JOAQUIM: É que o demônio pode brotar entre a gente.

MANOEL: Você fala demais nele. Pense mais em Deus! Quem vive suando no cabo da enxada, vivendo como Deus manda, não precisa estar pensando em demônio. Criei meus filho na honra, já trabalhei muito neste mundo... não tenho tempo de matinar em pecado. É o que você anda carecendo.

JOAQUIM: Quem manda nos homem é Deus, e eu sou chefe de Deus.

MANOEL: Você não é homem p'ra mandar em mim. Nem no nome de Deus!

Manoel sai para o terreiro e estaca quando vê Artuliana. Subitamente, Joaquim grita, correndo para fora da sala. Todos os agregados aparecem. Ana vem correndo da cozinha e vai ficar perto de Manoel.

JOAQUIM: Meus irmão! Meus irmão! Manoel não quis aceitar as proposta de paz. Deus é testemunha. Venham todos!

DURVALINA: (*Atemorizada*) Que foi, Manoel? Que que você disse?

JOAQUIM: Pedi perdão mais uma vez e ele me negou.

MANOEL: Porque não tenho nada a perdoar, nem do que pedir perdão, já disse.

JOAQUIM: (*Subitamente*) Você tomou metade da minha roça.

DOLOR: Estava no mato, meu filho.

PEDRO: Você desacorçoô da roça, Joaquim.

CONCEIÇÃO: (*Temerosa*) Fica quieto, Pedro!

DOLOR: Nós não tinha força p'ra tocar, Joaquim!

MANOEL: Obedeci ordem do administrador.

JOAQUIM: Só existe a vontade de Deus. Fazenda não é nada.

ANA: É quem manda. Você não quer é saber da obrigação.

JOAQUIM: É isso! É isso, irmãos! Só porque ele é de valença na fazenda, toca mais terra do que nós... não quer se humilhar na minha frente.

MANOEL: Essa questão da roça já foi resolvida e não guardei nenhuma raiva. A fazenda deixou tocar essas terra, sem renda... só p'ra formar pasto depois. É preciso cumprir os trato, senão a gente é posto p'ra fora. Você sabe disto.

JOAQUIM: Ele é amigo das possança.

MANOEL: Cumpro a obrigação. Se não fosse assim, ninguém tinha terra p'ra tocar.

DURVALINA: É isso mesmo, Joaquim.

1º HOMEM: Manoel ajudou a gente.

JOAQUIM: Não quer me aceitar como chefe.

MANOEL: Você não é chefe coisa nenhuma.

JOAQUIM: Sou o chefe do novo Deus!

MANOEL: Meu, você não é.

ARTULIANA: Nem meu.

JOAQUIM: Eu sou chefe de Deus! Sei ler as palavra dele no livro. Dei alegria p'ros irmão e ensinamento pra muita coisa que ninguém assuntava. Ele arranjou terra, mas eu dei a palavra certa do livro.

MANOEL: Sem terra nós não pode viver. Eu dei as garantia.

JOAQUIM: (*Subitamente, ajoelha-se*) Perdão em Deus! Perdão em Deus!

MANOEL: (*Mantém-se em silêncio*)

JOAQUIM: (*De repente, retesa todo o corpo*) É preciso rezar p'ro Senhor abrandar o coração desse irmão. Sinto uma coisa na goela. Estou ficando leve como as pena!

CONCEIÇÃO: É o selamento!

PEDRO: Batismo do Espírito Santo!

JOAQUIM: É o Espírito Santo! Passou como o ar. Venham, irmãos! É preciso rezar.

Os agregados, indecisos entre Joaquim e Manoel, começam a se ajoelhar. Ana, Artuliana e Manoel continuam de pé, ainda acompanhados por alguns agregados. Dolor fica perto de Joaquim, sem saber o que fazer; lentamente ajoelha-se, olhando triste para Manoel. Manoel continua observando Joaquim.

JOAQUIM: (*Ajoelhado e olhando para o alto*) Dor da terra, dor do sol, dor da chuva, dor do frio, dor da sede, dor do ouro, dor das roça, dor da fome, dor de todas as dor! Eu sou quem recebe as penação maior do mundo! Sai as dor do meu corpo como as lágrimas da Senhora e espalha como as palavra de todos assunto!

GERMANA: O Espírito Santo desceu!

2º HOMEM: Ele não desce em gente de coração impuro!

CONCEIÇÃO: (*Subitamente, aponta para o alto*) É ele!

DURVALINA: (*Aponta na direção da mata*) É ele!

GERMANA: (*Apontando também*) Como uma bola de ar que é um brilho só!

Os agregados, ajoelhados, olham para o alto, como se vissem o Espírito Santo. Alguns se benzem. O resto dos agregados cai ajoelhado.

ANA: Vem, pai. Vamos se embora. Ligeiro! O senhor volta de madrugada p'ra ir no Tabocal.

DOLOR: (*Numa súplica*) Vai Manoel!

Manoel liberta-se de Ana. Joaquim levanta-se lentamente, olhando para o alto.

GERALDO: Que foi, Joaquim?

JOAQUIM: (*Impaciente*) Quieto! O Divino Espírito Santo está falando ordem p'ro mundo! (*Depois de uma pausa, sorri*) Assim será!

DURVALINA: (*Angustiada*) Que que ele disse?

JOAQUIM: É p'ro Manoel ajoelhar na minha frente e aceitar o ato de humilhação.

VOZES: Pede! Pede perdão, Manoel!

DOLOR: (*Suplicante*) Pede, Manoel!

MANOEL: Não ofendi Deus, não ofendi ninguém.

DOLOR: (*Olha os agregados*) É p'ra evitar uma ruindade maior.

MANOEL: A gente pede perdão, Dolor, quando sente culpa de alguma coisa. E pede p'ra quem tem valia.

JOAQUIM: (*Cai ajoelhado em atitude de súplica*) Valha a cruz, a bela cruz e a espada sagrada e a hóstia consagrada. Livrai a gente do bicho achado com malha de cão danado, dos vivo de mau encontro, dos morto de melancolia! Vos ofereço rezar p'ra pureza do mundo! Sofrer p'ra salvar os homem!

MANOEL: Você não me engana, Joaquim! Deixa dessas parte!

GERALDO: Profeta! Profeta de todos os crente!

DURVALINA: Limpa! Limpa nós!

VOZES: Fala! Fala, Joaquim!

JOAQUIM: Eu profetizo, meus irmão: a viagem no Tabocal não será bem-sucedida.

DURVALINA: (*No auge do temor*) Por quê? Por que não, Joaquim?

JOAQUIM: Porque o mundo vai acabar com a falta de ar. O pecado vai empurrar o ar do mundo e o sofrimento vai indicar a vereda por onde a gente chega no Paraíso. Todos os parente do mundo vão converter no adventismo...! (*Para subitamente. Olha à sua volta como se escutasse alguma coisa*) Artuliana tem um pecado.

ARTULIANA: Tenho nada.

DURVALINA: (*Olha para Artuliana e recua, apavorada*)

JOAQUIM: Pecado do ciúme.

ARTULIANA: Ciúme?!

JOAQUIM: Ciúme de Deus.

ARTULIANA: Eu? Ciúme de Deus?

JOAQUIM: Não posso casar. Sou um iluminado de Deus.

ARTULIANA: Não quero casar com você. Nunca disse isso.

MANOEL: (*Olha para Artuliana, sem compreender*)

JOAQUIM: (*Impaciente*) Ajoelha e pede perdão!

ARTULIANA: Eu nunca...!

JOAQUIM: (*Violento*) Ajoelha... mulher das madalena!

ARTULIANA: Ajoelho nada. Não quero casamento com você. Deixa de bancar o doido p'ra mandar.

JOAQUIM: (*Anda, angustiado, pelo terreiro*) Tem pecado escondido que não sai p'ra fora. Não vamos mais p'ro Tabocal. Ninguém chega lá.

DOLOR: Isso não, meu filho. O Onofre está esperando nós.

MANOEL: Eu disse p'ro Onofre que ia e ninguém vai impedir. Todo mundo vai sair daqui na boca do dia.

JOAQUIM: O pecado!... o pecado impede!

2º HOMEM: Dá reparação p'ros seus pecado, Manoel!

GERMANA: Nós tudo botou as ruindade p'ra fora!

DURVALINA: (*Não se contendo mais*) É por causa nossa! É por causa nossa!

ARTULIANA: Mãe! Não fala mais nada!

DURVALINA: (*Olha, transtornada, para Artuliana*) A gente não vai porque o pecado mora no seu corpo.

ARTULIANA: Não tenho pecado nenhum.

DURVALINA: Minha filha não é mais moça donzela! Está prenha! Ela e o Manoel é que impede a viagem. A gente vai ser castigado.

ANA: (*Curva-se, soltando um gemido doloroso*)

MANOEL: Nós vamos se casar no Tabocal amanhã.

Joaquim, completamente retesado, começa a se afastar, olhando fixamente para Manoel, como se estivesse fascinado.

DOLOR: Que foi, Joaquim? Por que está assim, meu filho?!

Joaquim solta um grito angustiado e olha em todas as direções, como se procurasse alguma coisa. Todos olham para Joaquim e se afastam. Ficam no centro, Artuliana, Ana e Manoel. Instintivamente, Artuliana junta-se a Manoel.

GERMANA: (*Leva as mãos ao rosto, apavorada*) Valha-nos Deus!

JOAQUIM: (*Aponta Artuliana*) Em nome de Jesus Nazaré, sai, satanás! Sai, satanás!

Os agregados espalham-se amedrontados.

ARTULIANA: (*Anda em direção de Durvalina*) Mãe! Pensa no que está fazendo.

DURVALINA: (*Afasta-se*) Salva a minha filha do pecado!

ARTULIANA: Escuta, mãe! Fala p'ra eles... a senhora sabe que estou com filho do Manoel.

DURVALINA: Tirem o satanás de dentro da minha filha!

ARTULIANA: Você também teve filho, sabe o que é. É meu filho.

DURVALINA: Tirem! Por amor de Cristo! Não deixa minha filha sofrer nas mão "Dele"!

MANOEL: Fica perto de mim, Artuliana! Se é pecado, o culpado sou eu.

JOAQUIM: (*Apontando os dois*) Escravos do demônio! O ar! O ar! Vai começar faltar o ar! Prendam ele!

MANOEL: Ninguém vai me prender!

Os agregados agarram Manoel, que luta desesperado. Ana procura defendê-lo, mas é empurrada com violência, indo cair na porta de seu casebre. Manoel é dominado a custo.

ANA: (*Lutando*) Não! Não, pai! Não faz o que ele quer. Solta meu pai! Geraldo! É o nosso pai! Defende ele, Geraldo!

ARTULIANA: Não pede perdão, Manoel! Você é o chefe.

DOLOR: (*Agarra-se em Joaquim*) Meu filho! Não faz isso! Por mim!

JOAQUIM: (*Empurra Dolor, fora de si*) Isso é um assunto de tentação contra Deus, mãe. (*Olha fixamente Manoel*) Você emprenhou Artuliana! É o demônio!

ARTULIANA: Demônio coisa nenhuma. É meu filho.

JOAQUIM: Prendam ela.

Artuliana, cercada, levanta a cabeça com decisão, enfrentando Joaquim com expressão de ódio intenso. Por um momento os dois se olham. O filho de Daluz começa a chorar. Daluz aperta-o contra o peito, tentando acalmá-lo.

JOAQUIM: (*A Manoel*) Ajoelha e pede perdão!

MANOEL: (*Olha para Artuliana cercada*) Perdão! Perdão em Deus!

Ana volta-se e entra correndo em seu casebre, desaparecendo na cozinha. Neste instante a noite se faz presente. Parece que o sol desapareceu subitamente.

JOAQUIM: Repete alto! O Divino Espírito Santo também precisa ouvir.

MANOEL: Perdão! Perdão em Deus!

DOLOR: Vem, Joaquim! A noite chegou. Precisamos sair de madrugada. Vamos rezar!

Joaquim liberta-se de Dolor, completamente alheio. Dolor olha para Joaquim ainda mais preocupada.

JOAQUIM: (*Subitamente*) Tirem o demônio! Acaba com ele!

O choro da criança para. Enquanto Artuliana é agarrada por Geraldo e outro agregado, Manoel luta desesperado. Os agregados fazem um grande esforço para dominá-lo.

MANOEL: Não! O culpado sou eu! Eu pedi perdão! Deixa a Artuliana! Geraldo! Artuliana! Artuliana!

ARTULIANA: (*Grita, enquanto é levada em direção da mata*) Eu dou outro filho p'ra você, Manoel. Quantos você quiser. Só quero que não acredite que é o demônio. É meu filho. É o nosso filho, Manoel! (*Vira-se para Joaquim*) Tu vai pagar... cão danado! Dolor ainda vai agoniar de ter parido você...!

Artuliana desaparece. Manoel é dominado. Joaquim e Manoel olham-se fixamente. Manoel examina Joaquim como se o visse pela primeira vez.

JOAQUIM: (*Com ira sagrada*) Tirem das minhas vista esse inimigo de Deus! (*Manoel é levado para seu casebre*) Vigia bem ele! Quem desatar essas mão... solta todos os demônio da luxura... que faz da mulher, mãe!... e da mãe, mulher! Mãe! Não entra aí! Essa é a casa das danação!

Dolor, depois de ligeira hesitação, acompanha Manoel. Recomeça o choro do filho da Daluz que, aflita, tenta acalmá-lo. O agregado, marido de Daluz, junta-se a ela e tenta ajudá-la.

JOAQUIM: (*Olha, ligeiramente, para Daluz*) O Divino Espírito Santo me ensinou a verdade. Agora eu espio o futuro da crença e as vereda da salvação. Meus olho já pode varar os corpo e morar na alma de todos.

Mal-estar entre os agregados que, temerosos, entreolham-se. Aumenta o choro da criança.

JOAQUIM: Nada mais será escondido de mim. Nenhum coração será rancho do danado. (*Angustiado*) "Ele" vai ser tocado de todos os corpo...

Joaquim para, subitamente, olhando Daluz. Daluz e o marido vão se afastando, olhando com ansiedade para Joaquim. Daluz aperta o filho contra o peito num gesto de defesa. Joaquim, estendendo os braços, caminha para eles. Os agregados voltam-se para Daluz, ameaçadores. Manoel olha para Dolor como se procurasse uma explicação. Dolor, temerosa, desvia os olhos.

SEGUNDO ATO

CENÁRIO: O mesmo do primeiro ato.

AÇÃO: Algumas horas depois.

CENA: Quando se abre o pano, já anoiteceu. O luar ilumina os casebres e o céu é transparente como se fosse de cristal. A inata forma unia muralha escura contra o céu. Só estão iluminados os casebres de Manoel e Artuliana. Artuliana, deitada num jirau e em guarda, tenta escutar o que se passa no terreiro. Em seu casebre, Manoel, com os braços ainda amarrados, está debruçado com a cabeça apoiada sobre a mesa. Dolor, sentada num dos bancos, guarda a entrada do casebre. Uma tristeza profunda parece ter envelhecido ainda mais seu rosto. Imóvel, tem os olhos perdidos num ponto qualquer, numa evocação dolorosa. De pé, à porta da cozinha, um agregado vigia Manoel. Seu rosto revela uma mente impermeável. Depois de uma pausa, Dolor levanta-se meio aflita, dirigindo-se à porta de saída. Manoel levanta a cabeça e olha Dolor.

MANOEL: Dolor!

DOLOR: (*Para e volta-se meio assustada*)

MANOEL: Você acha que a Ana foi p'ra fazenda?

DOLOR: Parece que foi. Ela sumiu.

MANOEL: Já falei p'ra Ana que isso não presta p'ra nós.

DOLOR: Do que você tem medo, Manoel?

MANOEL: Essa gente do Comércio não tem entendimento da crença. Não viu o que aconteceu com os crente da fazenda Gameleira? Estavam na cacimba, lavando o corpo no banho da purificação... tudo num respeito só... sem malícia... quando chegou os soldado e deu voz de prisão. (*Meio revoltado*) Não tiveram bate-boca, malquerença nenhuma! Nada! Só foram de encontro deles, dizendo: nós somos de paz! Nós somos de paz... e os soldados sentaram fogo!

DOLOR: Você é conhecido deles. Isso é de valia... Eles respeita.

MANOEL: Possança é coisa cega, Dolor, pior que cachorro louco. (*Apreensivo*) Tudo isso é assunto nosso. Questão de irmão. Ninguém precisa vim com entrevero.

DOLOR: (*Pausa*) Quando nós pegou a guardar os mandamento, pensei que ia sossegar. Até agora a gente não fez outra coisa: passar de fazenda em fazenda. Cada sol que levantava não sabia onde ia parar na boca da noite. Parece que vivi fugindo não sei do quê.

MANOEL: A mãe de Deus também andou alongada nas estrada. Fugia montada num burro p'ra salvar o filho dela.

DOLOR: Eu tenho andado a pé, mesmo. Também por causa de filho.

MANOEL: Mas ninguém perseguia vocês, Dolor.

DOLOR: Nós somos gente perseguida, Manoel.

MANOEL: Nunca saí dessas beirada. Quando eu era menino só tinha duas fazenda, o resto era mata e cada um de nós tinha uma posse. Desde que a estrada grande passou pela terra da mata, virou tudo uma anarquia. Só restou fazenda das maior. Ninguém tinha dinheiro p'ra comprar arame farpado e cercar as posse. Quando vimos, a gente é que estava cercado. Parece que a estrada foi passando e largando dono p'ra todo lado. E tudo com possança! P'ra continuar foi preciso morar de favor.

DOLOR: A gente mora na terra e não tem um palmo dela.

MANOEL: Cristo também não tinha, Dolor.

DOLOR: Trabalhamos e o mantimento que ela dá... é minguado. Depois de um dia de trabalho, a gente não sabe se dorme ou se esquenta filho.

MANOEL: Você está com queixa de Deus, Dolor?

DOLOR: Penso que tudo isto deve ser castigo DELE. Cada um deve ter alguma maldade que não sabe. Senão, como é que a gente explica?

Pausa. Por um momento, Manoel fica perdido em seus pensamentos.

MANOEL: Já matinei muito, Dolor, não encontro nada dentro de mim. Nunca vivi sem mulher, é verdade. Mas Deus sabe que um homem carece de afeição, de quem ajuda nas lida.

DOLOR: Homem precisa de mulher na roça. Já fui sacudida como Artuliana. Ninguém podia comigo no batedor de arroz, ou na quebra de milho.

MANOEL: Perdi três mulher nas dor do parto! A gente não tem recurso. Mas, nunca maltratei elas, nem fiz mal p'ra elas de antes da água benta. O Cristo dos padre também não gostava

disso.

Dolor leva as mãos à garganta como se quisesse sufocar um grito.

MANOEL: Não enchi esse mundo com filho do pecado, como diz Joaquim. Casei na igreja e nos livro. Agora é diferente. Artuliana é tentação p'rum homem. O enviado da Igreja só vem de ano em ano...!

Dolor solta um grito abafado e vai se afastando em direção da porta.

MANOEL: Dolor! Que foi, Dolor?

DOLOR: (*Ajoelhando-se*) Pecado meu! Meu!

MANOEL: Você nunca fez maldade nenhuma, Dolor!

DOLOR: (*Passa as mãos pelo corpo, angustiada*) Certas coisa fica escondida nas entranha... como sujeira em fundo de poço. Um dia desgarra. Perdão! Perdão em Deus, Manoel!

MANOEL: Você só tem penação!

DOLOR: Pecado meu! Pecado meu, Manoel! Perdão! (*Levanta-se, agitada, saindo para o terreiro*) Perdão p'ra todo mundo!

MANOEL: Dolor! Dolor!

DOLOR: (*Num sussurro*) Joaquim! Meu filho!

MANOEL: (*Abalado e inseguro*) Meu Deus! Faz essa noite acabar logo. Se eu tenho alguma culpa, me ajuda botar p'ra fora.

Manoel debruça a cabeça sobre a mesa, numa oração muda. Artuliana pressente a saída de Dolor. Dolor sai meio cambaleando e dirige-se para o seu casebre; quando chega perto da porta, para e recua; anda apressada como se fosse na mata, mas para de repente não sabendo o que fazer. Vira-se e entra no casebre de Artuliana. Artuliana encolhe-se num movimento de defesa.

DOLOR: Artuliana!

ARTULIANA: Sai daqui! Me deixa em sossego.

DOLOR: Salva meu filho das ameaça que a gente não sabe.

ARTULIANA: Eu? Salvar o Joaquim?

DOLOR: Preciso do seu perdão... p'ra não acontecer maldade maior.

ARTULIANA: Quero que o Joaquim se dane nas profundeza.

DOLOR: É pecado meu que está fazendo todo mundo sofrer.

ARTULIANA: Joaquim devia ter cabado comigo. Agora, ele vai pagar!

DOLOR: Carreguei essa maldade a vida inteira. Nunca paramos em fazenda nenhuma. Joaquim não tem culpa de nada.

ARTULIANA: Não tem culpa? E essa raiva com as criança?

DOLOR: A culpa é minha.

ARTULIANA: Já viu o demônio p'ra todo lado... até nas galinha, nos cachorro!

DOLOR: É o sofrimento que o meu pecado trouxe p'ra ele.

ARTULIANA: Mandou bater nas criança e jogar na mata. Estão tudo lá, morrendo de medo. A Daluz e o marido p'ra não perder o filho que chorava de fome, tiveram que fugir pra fazenda. Quase mataram o menino de tanto bater. Foi Joaquim, não você.

DOLOR: Acredita em mim, Artuliana. É pecado meu.

ARTULIANA: (*Firma-se na cama, examinando Dolor*) Que pecado, Dolor? Que foi que você fez?

DOLOR: Perdão p'ra meu filho!

ARTULIANA: Quero saber que pecado é esse.

DOLOR: Só quero perdão.

ARTULIANA: Se você quer meu perdão, Dolor, fala que pecado é esse.

DOLOR: (*Pausa longa*) Com quinze anos... comecei pôr filho no mundo. Joaquim foi o derradeiro. (*Pausa*) Ele veio dos confim do norte!

ARTULIANA: Quem?

DOLOR: Avelino! Apareceu da noite p'ro dia, caçando serviço, lá onde eu morava. Ninguém podia com ele numa derrubada. Logo que chegou... todas as moça botou os olho em cima dele... e ele em cima de mim. Eu era a mais sacudida. (*De repente*) Nós queria casar, Artuliana! Acredita em mim! Mas, cadê jeito? Avelino não tinha os papel. Nem sabia onde

tinha nascido. Nunca recebemo água benta. Com tanto filho que veio... a gente acabou pensando que era casado.

ARTULIANA: Isso nunca foi pecado, Dolor. Todo mundo junta quando não tem os papel.

DOLOR: Deve de ser pecado. Porque aí começou minhas andança. Mais tarde, o Avelino morreu numa derrubada p'ra plantar café e nunca mais tive parada. (*Amargurada*) Tive oito filho... sete morreu miúdo, nem sei do quê! Fui deixando um por um, em cada lugar que plantava!

ARTULIANA: Fica com sua vida, Dolor. Não quero saber.

DOLOR: Sem braço p'ra plantar mais terra, quando colhia... as farmácia e os armazém já tinha comido tudo. P'ra que me desejar maior agonia, Artuliana. Fala que perdoa Joaquim!

ARTULIANA: Dolor! Eles me bateram... bateram... e me largaram lá! Depois... (*Segura o ventre*) Como posso perdoar, Dolor? Era meu filho. Não tenho crença que era o demônio.

DOLOR: Eu sei que não era, Artuliana. Só quero perdão p'ro Joaquim.

ARTULIANA: Mesmo que for p'ra continuar maldando, Dolor?

DOLOR: Maldando ou não, é filho meu.

ARTULIANA: Meu filho também, e eles mataram.

DOLOR: Você é moça, vai ter outros. Eu, não!

ARTULIANA: Tenho pena de você, Dolor.

DOLOR: Perdoa, Artuliana!

ARTULIANA: Leva ele daqui, Dolor.

DOLOR: Não posso sair com sua malquerença. Sem perdão e sem perdoar, a gente só espalha sofrimento.

ARTULIANA: (*Com esforço*) Perdão p'ra você... e p'ro Joaquim.

DOLOR: Quando o dia clarear, nós vamos se embora.

ARTULIANA: Vai se embora agora, Dolor, antes que seja tarde.

DOLOR: Não vai acontecer mais nada. O pecado era meu. Você está limpa, minha filha. Não matina mais com isso. (*Leva as mãos como se fosse cobrir Artuliana*)

ARTULIANA: Não! Não me encosta a mão!

DOLOR: Acho que não vou ter parada nunca!

Pausa. Artuliana observa Dolor. Ao mesmo tempo, uma expressão de decisão toma conta do seu rosto.

ARTULIANA: Dolor! Onde estão eles?

DOLOR: Foram no córgo tomar o banho da purificação. O livro diz que p'ra chegar no Paraíso, não é só a alma que precisa de estar em condição. Diz que qualquer maldade pesa mais que tronco de árvore... e não deixa a gente ir. (*Concentrada*) É tão difícil.

ARTULIANA: O quê?

DOLOR: Desatar das coisa do mundo.

Dolor e Artuliana pressentem a chegada dos agregados. Dolor levanta-se e vai ficar, escondida, na porta do casebre, observando. Pouco a pouco, eleva-se o canto dos agregados que se aproximam em procissão.

AGREGADOS: (*Cantando*)

No Jordão! No Jordão

No Jordão da Galileia!

No Jordão! No Jordão

No Jordão da Galileia!

GERALDO: Nas água foi deixado, irmãos!

AGREGADOS: Ruindade, leivosia!

GERALDO: Nas água foi deixado, irmãos!

AGREGADOS: Pecado, teimosia!

GERALDO: Nas água foi deixado, irmãos!

AGREGADOS: Raivice, luxúria!

GERALDO: Nas água foi deixado, irmãos!

AGREGADOS: Inveja, ciumeira!

AGREGADOS: (*Cantando*)

Nosso corpo, nossa ideia

Ficou limpo em condição!

As porta do céu vão se abrir,

os filho amado da aflição,

Como pombas branca vão subir!

No Jordão! No Jordão! etc.

Homens e mulheres de outras fazendas juntaram-se aos agregados. Estão todos com os cabelos molhados, sendo que alguns deles têm as roupas ensopadas, coladas ao corpo. Uma alegria íntima muito grande estampa-se em seus rostos; há uma certa transfiguração que os toca de igual maneira. Joaquim adianta-se, firme, olhando de cima; apesar de mais calmo, sente-se nele a mesma ansiedade dolorosa agora mais reprimida. Joaquim caminha como Jesus entre os apóstolos. Joaquim levanta os braços, tomando uma posição idêntica à imagem em sua sala. O rosto transfigurado volta-se ligeiramente para o alto; os olhos revelam um profundo e doentio misticismo.

JOAQUIM: Sou um homem como vocês e ando cumprindo uma sentença: caminhar pelo mundo, desde o mar até os confim, arrebanhando os esquecido. Meus irmão! Muitos crente de outras fazenda, já ouviram falar dos prodígio dessa noite. Estão aqui p'ras proteção. É que o Espírito Santo falou, que quem atirar em nós, atira nas hóstias de Deus, porque é no nosso corpo que o Cristo faz morada. Deus e Maria mandou que meu corpo não seja atado, nem atentado do demônio, p'ra proteger o Cristo das roça que vai guiar vocês tudo. Sou guardado por quarenta e sete anjo, sete quebra-pedra e sete quebra-ferro. As ameaça ainda não acabou. É preciso rezar muito, o resto da noite, p'ra ser revelado esse endemoniado a quem o Senhor Jesus Cristo matará com o sopro de sua boca, e o destruirá... pela manifestação da sua vinda. Só assim, quando o dia clarear, todo mundo junto, puro, sem pecado, sobe comigo. Louvado é o Deus!

AGREGADOS: (*Sussurro*) Louvado! P'ra sempre louvado! Louvado! P'ra sempre louvado!

Joaquim entra em seu casebre e ajoelha-se diante da imagem. No terreiro os agregados entreolham-se bem-aventurados.

CONCEIÇÃO: Foi milagre!

DURVALINA: Joaquim passou cuspe na minha boca e a sede sumiu de repente!

1ª MULHER: A dor da minha perna também!

2ª MULHER: (*Aflita*) Joaquim mandou rezar, gente.

GERMANA: Por que que filho de Deus ia voltar na terra e sofrer?

1º HOMEM: Decerto porque precisa.

GERMANA: Se é pra sofrer, p'ra que voltar?

CONCEIÇÃO: Não vai sofrer, porque todo mundo vai mudar de nome e o danado não vai descobrir quem é o Cristo.

MULHER: Nem quem é os enviados Dele.

GERMANA: Joaquim já deve saber quem é.

PEDRO: Quem?

GERMANA: O filho do pecado que vai ser destruído, p'ra gente se libertar.

GERALDO: O Espírito Santo falou que é preciso acabar com ele, seja quem for.

Pausa. Há certa desconfiança entre os agregados.

MULHER: Joaquim mandou rezar, gente!

DURVALINA: De nada adiantou a Daluz fugir p'ra fazenda.

CONCEIÇÃO: (*Olha para Geraldo*) Nem a Ana. Aquela excomungada.

2º HOMEM: (*A Geraldo*) Se acontecer alguma coisa p'ra Joaquim, sua irmã é a culpada.

GERMANA: É por isso que ela não quis aceitar a crença. P'ra ir contar na fazenda.

CONCEIÇÃO: Vai ver que é ela que está endemoniada.

DURVALINA: (*A Geraldo*) Ou seu pai.

GERALDO: Joaquim desmanchou os casamento do mundo. Não sou mais filho dele.

2ª MULHER: Joaquim mandou rezar, gente! Assim, ninguém descobre nada.

DURVALINA: Carece pegar o livro de Deus.

GERMANA: Que adianta! Nós não tem leitura.

GERALDO: Joaquim me deu ensinamento.

MULHER: (*Saindo com os agregados*) Olha que eu tenho essa dor na perna não é de hoje. Não teve erva que desse volta com ela. Joaquim molhou a mão na boca, passou, e eu vi a dor saindo!

Os agregados, cantando, desaparecem num dos casebres. Geraldo entra no seu. Dolor continua observando os agregados que saem.

MANOEL: (*A Geraldo que entra*) Meu filho...!

GERALDO: (*Corta*) Não sou seu filho. (*Entra no quarto*) Você não é mais meu pai.

MANOEL: Que negócio é esse de não ser meu filho?

GERALDO: (*Sai do quarto com a Bíblia*) Deus mandou Joaquim desmanchar os casamento. Assim o demônio não acha o filho de Deus.

MANOEL: Que filho de Deus?

GERALDO: Cristo não ficou de voltar na terra? Onofre não disse que Ele anda por aí? (*De repente*) Eu falei p'ro senhor que demônio é bicho caviloso! A Ana foi na fazenda p'ra dar com a Dolor na estrada outra vez. Ela que já foi tocada pelo demônio de tudo quanto é fazenda!

MANOEL: Quem disse que foi o demônio que tocou Dolor das fazenda?

GERALDO: O Espírito Santo desceu no banho da purificação e revelou p'ra todo mundo.

MANOEL: Desceu em quem?

GERALDO: Joaquim.

MANOEL: Se a Dolor falasse isso, eu acreditava. Mas, Joaquim! Ele fala tanto em pecado, é porque deve ter maior do que os outro.

GERALDO: Dolor é como a Senhora do Céu... foge p'ra salvar seu filho! (*Subitamente*) Contou também que o filho de Deus vai se salvar com a morte do filho do pecado.

MANOEL: Que filho do pecado?

GERALDO: Ninguém sabe. Vai ser revelado antes do clarear do dia. E, quando amanhecer, as

nuvem vão se esparramar e o estrelamento se juntar no meio do céu, mostrando onde fica a cidade celeste de Canaã. Ninguém vai alcançar a gente.

Geraldo sai, desaparecendo no casebre onde entraram os agregados.

ARTULIANA: Dolor!

DOLOR: Voltaram do córgo.

ARTULIANA: Leva Joaquim daqui, Dolor.

DOLOR: O dia não tarda.

ARTULIANA: Perdoei só p'ra você levar Joaquim agora.

DOLOR: Se eu conseguisse convencer ele...

ARTULIANA: Conta p'ra ele o seu pecado. Garanto que ele sai.

DOLOR: Não! Ele vai sofrer mais ainda.

ARTULIANA: Se você não levar o Joaquim, levanto daqui e vou contar!

DOLOR: Não fala nada! Eu levo... eu levo...!

Dolor anda apressada, entra em seu casebre e para quando avista Joaquim ajoelhado. Dolor fica sem saber o que fazer. Quando Dolor entra no casebre, aparecem, vindo da mata, Jovina e Eva. As duas meninas examinam o terreiro, temerosas.

JOVINA: Entraram. Vem! Ligeiro!

EVA: Não aguento mais de sede.

JOVINA: Vai você.

EVA: Não! Tenho medo!

JOVINA: Estão rezando. Vamos junta!

Jovina e Eva, grudadas uma na outra, dirigem-se ao poço e, com extremo cuidado, bebem água do balde. Artuliana percebe a presença das meninas, erguendo-se no jirau.

JOVINA: Onde está a rapadura?

EVA: Numa tábua, por riba do fogão.

JOVINA: Vou buscar. Fica vigiando!

EVA: Não!

JOVINA: Alguém precisa vigiar!

EVA: Não fico sozinha aqui!

Enquanto as meninas desaparecem em um dos casebres, Dolor aproxima-se de Joaquim.

DOLOR: O dia já vai amanhecer, meu filho.

JOAQUIM: (*Distante*) Eu sei, mãe.

DOLOR: (*Procura ser natural*) Chama os outro. Vamos se embora! O Onofre está esperando você no Tabocal.

JOAQUIM: A gente vai sair daqui p'ra sempre, mãe. No banho da purificação, o Espírito Santo mostrou a vereda das terra pura.

DOLOR: (*Perde o controle pouco a pouco*) Tenho medo, Joaquim.

JOAQUIM: Você é a única que não precisa ter medo, mãe!

DOLOR: Tenho medo das maldade que brota das entranha.

JOAQUIM: Que maldade?

DOLOR: Só quero que você não sofra mais. É por isso que quero ir.

JOAQUIM: (*Sorri*) Nós vamos, mãe, p'ra um lugar onde ninguém vive debandado, desgarrado de tudo. No Paraíso, todos vive como anjo. As roça são limpa, sempre limpa! Os mantimento são cuidado pelas enxada de Deus. Terra sobra p'ra todo lado e o frio não tem morada no corpo de ninguém. O sol de Deus alumia e esquenta todos! Assim vai ser um dia na terra, quando o demônio acabar. Como Adão e Eva de antes do pecado. Que beleza que era a terra! Tudo uma limpeza! Era o céu! Era homem e mulher e não carecia ter filho!

DOLOR: Que é que você está dizendo, Joaquim?

JOAQUIM: (*Impaciente*) O pecado! O pecado, ora! A senhora não sabe? Ele atormenta o mundo, suja a vida!

DOLOR: O enviado da Capital livra a gente. Vamos se embora! (*Segura Joaquim e tenta puxá-lo para a porta*) Vem! Pelo amor que tem em mim.

JOAQUIM: Não! Dessa fazenda eu saio só p'ras terra de Deus. A senhora sabe que essa

danação perseguiu nós em tudo que foi fazenda. Que adianta sair?

DOLOR: Tudo é danação, meu filho, quando a gente não vive como carece. É assim com a vida dos outro também. Somos gente sem valença. É por isso que vivemos desnorteado. Mas, nosso lugar é aqui! Não tem outro! Se você casasse e tivesse filho, tudo melhorava, Joaquim.

JOAQUIM: Só você é pura!

DOLOR: Sou igual as outra.

JOAQUIM: Você é como a Senhora do céu, mãe!

DOLOR: E se não fosse, meu filho?

JOAQUIM: Mas, você é, mãe!

DOLOR: Podia não ser, Joaquim!

JOAQUIM: Se não fosse... tudo estava errado, fora dos sentido!

DOLOR: Não compreendo, meu filho!

JOAQUIM: Deus me fez assim p'ra salvar meus irmão.

DOLOR: Assim como?

JOAQUIM: Sem sentido p'ras maldade. Seria uma beleza, mãe, se fosse tudo assim! Se só existisse você na face do mundo!

DOLOR: Eu sou sua mãe, Joaquim! Estou falando numa companheira p'ra você!

JOAQUIM: Você já é.

DOLOR: Mãe não tem nada que ver com mulher.

JOAQUIM: Nenhuma mulher seria como você, mãe! P'ra que casar?

DOLOR: Um homem carece de cuidado diferente de mãe, Joaquim!

JOAQUIM: Só casava com uma mulher igual a você, mãe! Mas, não tem par no mundo. Que culpa tenho eu?

DOLOR: Eu sou magra, feia... meu filho!

Joaquim acaricia o rosto de Dolor, contraindo ligeiramente o rosto. Depois, sorri.

JOAQUIM: Mais bonita... até que a Senhora do céu!

DOLOR: Que que aconteceu com você, Joaquim? Por que essa ojeriza de mulher?

JOAQUIM: Tenho ojeriza coisa nenhuma. Cristo também não teve sentido p'ra mulher... e é Deus. Sou limpo como Ele.

DOLOR: Você nunca teve afeição por nenhuma moça?

JOAQUIM: Gosto da senhora, p'ra quê?

DOLOR: Mãe é mãe, Joaquim. Mulher é mulher!

JOAQUIM: Já disse que não estou no mundo p'ra essas coisa, mãe. Estou aqui p'ra guiar.

DOLOR: Mas, Joaquim...!

JOAQUIM: (*Corta, violento*) Não quero saber dessas prosa, mãe!

DOLOR: Joaquim! Cozinhei esses cabelos no sol, feri as mãos na enxada, fiz agasalho do meu corpo p'ra você... e p'ra quê? P'ra quê, Joaquim?

JOAQUIM: P'ra servir Deus.

DOLOR: P'ra você não morrer de fome e de frio. Fiz isso porque tinha filho. Essa sua pobreza de tudo é que é ruim. Carece ter ajuda nas lida... alguém p'ra dormir junto... p'ra não ficar com as malícia presa no corpo.

JOAQUIM: Nós se ajuda, mãe. Tudo que faço não é p'ra você?

DOLOR: Não quero que seja p'ra mim, Joaquim. Mas p'ra sua família.

JOAQUIM: (*Enervado*) Todo mundo é uma família só.

DOLOR: É diferente, Joaquim!

JOAQUIM: Mãe! Temos sido tocado das fazenda, andado sozinho nas estradas, mas sempre junto. Você não me ajuda nas roça? Não ajudo você nas lida da casa? Não esquentamos nosso corpo nas noite fria? Na nossa casa não cabe mais ninguém.

DOLOR: Então... sou eu? Sou eu que impede, meu filho?

JOAQUIM: Impede o quê, mãe?

DOLOR: (*Meio desorientada*) Não sei! Não sei! A gente tem vivido muito apartado de tudo. Isso não presta! Preferia... Preferia que você me abandonasse.

JOAQUIM: Abandonar você?

DOLOR: Eu posso morrer, meu filho. Até mesmo antes que clareie o dia. Você vai ficar só!

JOAQUIM: Nós vamos subir junto p'ro Paraíso. Você não acredita nisso, mãe?

DOLOR: É que...

JOAQUIM: Não acredita?

DOLOR: É que... qualquer pecado pode segurar a gente. Essa danação que atormentou nós, pode estar escondida no meu corpo.

JOAQUIM: Eu sei que tem pecado escondido, mas não em você, mãe!

DOLOR: É difícil saber o que cada um tem, meu filho. A gente vê os corpo... mas o que está nas entranha... cada um é que sabe.

JOAQUIM: Meus olho pode varar os corpo, mãe. Eu sei!

DOLOR: Joaquim! Olha p'ro meu! O que é que você vê?

JOAQUIM: Pureza! Que mais podia ver?

DOLOR: Olha bem, meu filho! Deve ter alguma marca.

JOAQUIM: (*Pega um dos livros na tábua*) Veja a Senhora do céu. Tem alguma marca?

DOLOR: (*Com grande esforço*) Não.

JOAQUIM: É assim que vejo você.

DOLOR: (*Como se sentisse desnuda*) Olha meus peito onde está?

JOAQUIM: (*Vira o rosto*) Mulher mãe é assim mesmo.

DOLOR: É porque eu tive... eu também... eu... eu...! (*Abraça-se a Joaquim e começa a soluçar*)

JOAQUIM: (*Carinhoso*) Esse padecimento vai acabar, mãe. Você não vai viver mais nas estrada. Não precisa ter medo. É o seu filho que garante.

Por um momento, os dois ficam abraçados. Jovina e Eva saem do casebre, comendo avidamente.

JOVINA: Vamos levar o balde d'água!

EVA: Não!

JOVINA: Assim a gente morre de sede. Vem!

As duas meninas caminham nas pontas dos pés em direção do poço e tentam desamarrar o balde. Artuliana ergue-se no jirau, numa atitude de espera.

DOLOR: Meu filho! Se descobrir que sou eu que faço você sofrer... que impede a subida... você promete acabar comigo?

JOAQUIM: Ora, mãe! Pecado não mora em gente como nós. São outros que...

Joaquim para de falar com o barulho do balde. Durante a fala de Dolor, Conceição, Germana e o segundo agregado, saíram à porta do casebre. Eva derruba o balde e, junto com Jovina, sai correndo. Jovina tropeça e cai.

CONCEIÇÃO: (*Num grito de pavor*) Valha-nos Deus!

Eva, rápida, desaparece no primeiro plano. Conceição olha para Germana que, hirta, olha para a filha, sem poder fazer qualquer movimento. Jovina, apavorada, parece pregada ao chão. Com o barulho do balde, Artuliana senta-se no jirau, Manoel ergue a cabeça, olhando à sua volta. Dolor e Joaquim separam-se, ficando estáticos. Por um momento todos ficam paralisados pelo medo, como se sentissem a presença do demônio.

CONCEIÇÃO: Venham!

GERALDO: Que foi?

CONCEIÇÃO: Estava aqui no poço!

Dolor sai correndo para o terreiro e estaca quando vê Jovina cercada. Joaquim sai à porta e fica com os olhos presos em Jovina, que olha para ele, encolhendo-se num gesto de defesa. Germana continua parada. Todos que estavam nos casebres saem para o terreiro. O agregado que vigiava Manoel corre para fora. Os agregados procuram ficar uns perto dos outros. Joaquim olha o balde e afasta-se, temeroso. Os agregados olham à sua volta, procurando proteção uns nos outros.

CONCEIÇÃO: Saiu correndo, Joaquim. Como um raio! Estava comendo e bebendo com a Jovina.

DURVALINA: (*Hirta*) Quem?

CONCEIÇÃO: O coisa ruim! Eu vi!

JOVINA: Era Eva! Era Eva que estava comigo!

MULHER: Mentira! Minha filha fugiu com a Daluz!

MANOEL: Dolor! Dolor!

DOLOR: (*Aproxima-se de Jovina, tentando defendê-la*)

JOVINA: Mãe! Eu estava com sede! Não aguentava mais!

CONCEIÇÃO: (*Tapa os ouvidos*) Essa não é a voz da Jovina!

2ª MULHER: Credo em cruz!

JOVINA: Não! Sou eu! Sou eu! A Jovina, mãe!

DOLOR: Vocês não vê? É a Jovina!

DURVALINA: Ele usa de qualquer figura p'ra impedir a subida nossa.

PEDRO: O danado sabe se esconder.

ARTULIANA: (*Faz um grande esforço e levanta-se do jirau, caindo no chão*) Manoel! Manoel!

GERMANA: (*Subitamente, caminha para Jovina*)

JOVINA: (*Abraça-se a Dolor. Os agregados fecham o círculo*)

DOLOR: Germana! É a sua menina. Saiu do seu corpo, mamou em você. Eu sei que não é o demônio.

JOAQUIM: Só Deus é que sabe, mãe.

GERMANA: (*Angustiada*) No reino de Deus... ninguém sente fome e sede.

JOAQUIM: Só o danado sente p'ra tentar os outro.

DOLOR: Joaquim! A Jovina vai se embora. Eu levo. Não vai fazer mal p'ra ninguém.

JOAQUIM: Mãe! Em nome de Deus... sai daí!

DOLOR: Não aumenta minhas culpa, meu filho!

JOAQUIM: Germana! Quando o sol aparecer, todo mundo vai se encontrar no Paraíso, menos os pecador endemoniado. Você quer deixar sua filha aqui?

Dolor tenta puxar Jovina para o fundo, mas é agarrada pelos agregados. Dolor luta para

segurar Jovina, mas é separada, ficando no centro apenas Germana e Jovina.

DOLOR: (*Lutando*) Não! Não, Germana! Estão com doidura! Não faz isso! Não é a Jovina que está com o demônio!

JOVINA: Mãe! Eu estava com sede. Eu não queria vir. A Eva não fugiu, ficou na mata. Eu só tinha medo... Queria ficar junto da senhora.

Todos olham para Germana, esperando. Germana abraça-se com Jovina.

GERMANA: Não! Isso não!

JOAQUIM: É o que custa o salvamento, Germana. O Cristo foi salvo pelo sangue das criança nas mão de Herode. Assim também nós tudo.

GERMANA: Nós vai se embora daqui. Não quero mais subir. Deixa nós sair!

CONCEIÇÃO: O danado está passando p'ra você, Germana!

GERMANA: Mentira! Eu sou crente também. Sou eu mesma. É a minha filha.

DURVALINA: (*Aponta Germana*) Olha Satanás tomando força... querendo escapar!

GERMANA: (*Tenta recitar um trecho da Bíblia*) Maria foi carregada p'ro céu; os anjo cheio de alegria..!

PEDRO: Olha Satanás recitando o livro!

GERMANA: (*Tenta escrever alguma coisa no chão com o pé*)

DURVALINA: Olha o danado querendo escrever! A Germana não tinha letra!

GERMANA: (*Desesperada*) Meu marido está nas colheita de algodão. Minha roça vai morrer. É a Jovina que me dá adjutório.

JOAQUIM: Conceição! O demônio precisa acabar.

GERMANA: Não! Em nome de Cristo...!

DOLOR: (*Ajoelhando-se*) O pecado é meu. (*Anda de joelhos na frente dos agregados*) É meu o pecado. Perdão! Perdão em Deus!

JOAQUIM: Levanta, mãe! Você é pura, não tem pecado do mundo.

DOLOR: Tenho. Tenho, sim. Perdão p'ra todo mundo!

JOAQUIM: Demônio é assim mesmo, lança confusão... faz os inocente sofrer. Só os culpado não sente nada. (*Ordenando*) Conceição!

DOLOR: (*Levanta-se*) Não!

GERMANA: Dolor! Dolor!

DOLOR: Não deixa, Germana! Não deixa!

Conceição, acompanhada pelos agregados, investe sobre Germana. Germana, Dolor e Jovina lutam desesperadas. Forma-se grande confusão perto do poço. Subitamente, os agregados se afastam. Dolor, lentamente, ajoelha-se atrás do poço. Germana, hirta, transtornada, levanta-se, e vai se afastando sem poder tirar os olhos de Jovina caída perto do poço. Neste instante, Manoel consegue abrir a porta, aparecendo no terreiro. Artuliana levanta-se e encosta-se à parede de seu casebre, fazendo grande esforço.

JOAQUIM: (*Em tom decorado*) Aventurado o homem que suporta as provação; porque, depois de ser aprovado, receberá a coroa da vida, que só é dos que sofre e ama Deus!

DOLOR: (*Ergue Jovina nos braços e anda meio desorientada*) Pecado meu! Pecado meu!

Dolor dirige-se a um dos casebres. Enquanto Dolor caminha, Germana, retesada, anda em volta de Dolor, procurando não olhar para Jovina; parece fascinada. Manoel não consegue tirar os olhos de Germana.

GERMANA: Minha filha morreu! Está livre! Dolor! Meu nome é Jeremias! Quem me chamar de Germana será destruído. Não pertenço mais à Terra. O danado não pode me fazer sofrer mais. Já levou tudo que era meu. As árvore estão cheia de anjo! Parece passarinho branco! (*Dolor desaparece num dos casebres, antes, porém, olha para Joaquim com uma expressão de repulsa. Germana volta e corre em volta do terreiro, apontando as árvores*) Nas árvore! Nas cumiera! Passarinho branco que desceu do céu! Venha! Venha levar a gente!

CONCEIÇÃO: (*Procura não olhar as mãos*) Não sou mais a Conceição! Sou Gabriel! Gabriel das pena branca!

GERMANA: Não sou mais a Germana! Ela era pixaim. Eu sou branca! Não era filha minha! Nunca tive filha do mundo!

CONCEIÇÃO: A Conceição sentia fome, frio e medo! Eu tenho o corpo coberto de pena que

caiu do céu. Não tenho nome do mundo. (*Olha as mãos*) Essas mão! Essas mão é da Conceição, não é minha.

GERMANA: (*Frenética*) Vamos arrancar tudo que é do mundo. Ninguém tem nada. Filho, pai, mãe! (*Grita, desesperada*) Ninguém tem mais nada!

JOAQUIM: (*Subitamente, segura Geraldo*) Revela! Revela o verdadeiro nome! Os nome que disfarçava os enviado de Deus precisa acabar. (*Bate, mansamente, no ombro dos agregados*) Revela! Revela! Revela o verdadeiro nome.

GERALDO: Daniel! Meu nome é Daniel!

DURVALINA: O meu é Marta!

GERMANA: Jeremias!

PEDRO: Marcos!

CONCEIÇÃO: Gabriel! Gabriel dos anjo branco!

2º HOMEM: Sem! Eu sou o Sem!

1ª MULHER: Raquel! Meu nome é Raquel!

AGREGADOS: Simão! Mateus! Sara! Tiago! Judite! João Batista! Paulo! Rute! Saul! Miriam! Samuel! Azael! Ester! Oséas, etc.

Os agregados, transfigurados, quase infantis, procuram uns aos outros. Alguns se beijam, outros se abraçam.

DURVALINA: Minha irmã Gabriel!

CONCEIÇÃO: Minha irmã Marta!

GERALDO: Meu irmão Marcos!

PEDRO: Meu irmão Sem!

2º HOMEM: Boa noite, irmão Samuel!

1º HOMEM: Minha irmã Judite!

1ª MULHER: Como vai, irmã Rute?

2ª MULHER: Minha irmã Raquel!

3ª MULHER: Minha irmã Jeremias!

CONCEIÇÃO: Desce no caminho dos astro, puro filho de Deus!

GERMANA: Nós podemos te receber!

DURVALINA: Agora, virou tudo uma irmandade só!

CONCEIÇÃO: (*Ajoelhando-se*) Seus amigo do livro que ficou no mundo!

GERALDO: (*Ajoelhando-se*) Os homem e as mulher que acredita na sua querença!

DURVALINA: (*Ajoelhando-se*) Os humildes da sua reinança!

GERMANA: Os que chora longe das suas terra!

1ª MULHER: Os que têm fome e sede das suas promessa!

PEDRO: Os limpo de coração!

DURVALINA: Arranca a gente dessas paragem!

JOAQUIM: (*Transfigurado*) Deus das altura! Aqui está sua família!

Dolor volta ao terreiro e olha os agregados com expressão decidida.

JOAQUIM: (*Leva a mão em direção de Dolor*) E lá está Maria! Maria das pureza! (*Caminha para Dolor*) Senhora do Céu em andança na Terra! Vou fazer todas as dor desaparecer, mãe!

Artuliana, com esforço, caminha na direção da porta de seu casebre. Dolor olha para Joaquim e, pouco a pouco, vai ficando penalizada.

JOAQUIM: (*Ajoelha-se, abrindo os braços em cruz*) Mãe! Aqui está o seu filho!

Pausa. Por um momento, Dolor observa Joaquim. Uma expressão de extrema piedade toma conta de seu rosto.

DOLOR: (*Segura Joaquim com carinho*) Vem! Vamos se embora! P'ra qualquer lugar. Vem, meu filho! Você é o meu companheiro!

JOAQUIM: Quando o sol aparecer... todos vão comigo! Você também, Maria.

DOLOR: Meu nome é Dolor! Dolor, está ouvindo? Não quero outro.

JOAQUIM: (*Levanta-se, irado*) É Maria! Maria das pureza! Os nomes de danação acabou. Já

não existe homem nem mulher na face do mundo. **(***Vira-se para os agregados*) Vem! Vem pedir perdão! Todo mundo de joelho diante de Maria!

GERALDO: (*Cai ajoelhado, transfigurado*) Mulher vestida de sol, com a lua debaixo dos pés... e na cabeça uma coroa de doze estrela.

CONCEIÇÃO: (*Ajoelha*) Tocada de todas as fazenda.

PEDRO: Perdida nas estrada do mundo.

DURVALINA: Mãe de nós tudo.

JOAQUIM: Você, mãe, é a única sem pecado. Rainha pura das roça do mundo! Mãe da família de Deus!

Os agregados ajoelham-se. Dolor, com os cabelos desgrenhados, magra, com os seios caídos, os olhos cheios d'água, é a própria imagem do sofrimento. Artuliana adianta-se, olhando firme para Dolor; depois anda para Manoel e desamarra suas mãos. Dolor abraça Joaquim, num gesto de defesa.

ARTULIANA: Manoel! Eu sei quem tem pecado escondido.

JOAQUIM: Ajoelha, Artuliana! Na frente da mulher pura!

ARTULIANA: Não!

JOAQUIM: Ajoelha diante de Maria!

ARTULIANA: Dolor não é mais pura do que eu!

DOLOR: (*Agarra-se em Artuliana e abaixa a voz*) Artuliana! Se eles ficar sabendo vão matar meu filho. E é o único que restou. Você prometeu!

JOAQUIM: Não encosta nela, mãe?

DOLOR: O dia já vai amanhecer... e a gente vai se embora!

JOAQUIM: Que está falando, mãe?!

ARTULIANA: Que você é que é demônio. Se meu filho era, você também é... porque Dolor deitou numa roça, como eu, deste pecado nasceu você e mais sete filho.

JOAQUIM: Mãe!

ARTULIANA: Conta, Dolor! Conta quem foi Avelino!

JOAQUIM: (*Olhando Dolor*) O corpo dela é limpo como o corpo da Senhora do céu!

ARTULIANA: Se lá existe uma Senhora, ela foi mulher como eu. Padeceu numa cama como Dolor e eu. A Senhora nossa não é a Senhora dos padre. (*De repente*) Seu pai morreu debaixo de uma árvore, numa derrubada p'ra café.

JOAQUIM: Não tive pai!

ARTULIANA: Foi um homem direito e trabalhador.

JOAQUIM: (*Cai ajoelhado*) Filho é arte de danação.

ARTULIANA: Filho que nasce e vive como você, é mesmo.

JOAQUIM: (*Com a cabeça apoiada no chão*) Pecado que minha mãe nunca teve.

ARTULIANA: Pecado que bota vida no mundo. Se é mentira minha, por que a Dolor não fala? Vamos! Pergunta p'ra ela!

JOAQUIM: (*Enrodilha-se no chão*) Mãe! Você não diz nada, mãe?

Os agregados, ansiosos, olham Dolor. Dolor, olhando Joaquim, parece distante de tudo e de todos.

ARTULIANA: Ela não pode falar porque pecou como todo mundo. Ela ou você, Joaquim, precisa morrer p'ra nós não sofrer mais.

Subitamente, Dolor caminha como um autômato em direção de Joaquim e, lentamente, ajoelha-se. Fala como se a sua voz viesse de muito longe. Com o seu corpo, cobre o de Joaquim.

DOLOR: São chegado os três rei! Vem da parte do oriente, acordar os que dorme no som da madrugada. No céu, Cristo no presépio dando assunção, e no mundo, a mulher cavuca a terra com as mão. Seu nome... é Maria! Maria das pureza!

ARTULIANA: Dolor! Seu nome é Dolor.

DOLOR: Dolor nos papel do mundo. Maria nas agonia das roça, no frio das tapera, na carência de tudo. Nenhum homem tocou no seu corpo. Nunca matinou com essas coisa. Sempre desejou uma casa cheia de gente, com mesa farta. Sofreu e suou... até que um dia, uma mulher que era uma brancura só, entregou você na roça e me disse: ele vai ser o companheiro, marido, filho, pai, irmã, filha... sua família. Ele vai fazer você esquecer as

injustiça, aguentar tudo. Vai ser perseguido... você defende ele... porque é suas riqueza. Por isso não paramos em nenhuma fazenda. Eles queriam matar o meu filho... e eu precisava fugir. Vivi debandada pelas estrada. Cada vez que mudava, era como se morresse um filho.

ARTULIANA: Você morou com Avelino! Não casou porque não tinha os papel!

DOLOR: Não sou mulher do mundo. Mulher do mundo tem tudo... casa, máquina, lata de flor. Sou limpa. Menti... p'ra esconder meu filho do demônio. (*Dolor puxa Joaquim como se o tirasse de seu corpo. Lentamente, Joaquim ergue-se. Dolor vira-se para os agregados*) Aqui está o filho de Deus! (*Amarga e evocativa*) Não brotou no meu corpo... granou e cresceu num ano que foi uma fartura só. (*Com extrema amargura*) É verdade, meu filho. Por isso você não casou... não tem pecado. Nunca tocou roça grande. Gente do céu tem querer diferente dos homem. Suas força não está nos braço... mas na palavra certa de Deus!

Pausa. Todos, transfigurados, ficam olhando Joaquim. Joaquim segura Germana e levanta-a no ar, sustentando-a. Dolor tem um gesto de apreensão. Um sorriso quase infantil domina o rosto de Joaquim.

JOAQUIM: Veja, mãe! Quem disse que não tenho força nos braço.

DOLOR: Tem sim, meu filho! Tem, sim!

Joaquim coloca Germana no chão e percebe sua expressão de medo, acariciando seu rosto.

JOAQUIM: Ninguém precisa ter medo. Estou aqui só p'ra salvar. (*Ficando cada vez mais calmo*) Vou levar todos p'ras terra do Paraíso.

DOLOR: Perdoando, primeiro, meu filho.

JOAQUIM: Artuliana!

ARTULIANA: (*Recua com uma expressão de ódio*)

JOAQUIM: Não precisa desconfiar de mim, Artuliana.

ARTULIANA: Você é o demônio.

JOAQUIM: Essa confusão é arma dele p'ra fazer você e Manoel sofrer. Ele passou por aqui, mas já foi se embora. Agora, você é uma mulher limpa de danação.

ARTULIANA: Nunca tive danação. Gosto do Manoel, só isso. Manoel! Me bateram, aguentei tudo p'ra viver com você. Enquanto me batiam, pensava nas suas promessa. Nos filho que

podia vim depois. Foi isso que me deu fortalecimento, Manoel!

JOAQUIM: (*Sereno e amigo*) Quando o dia clarear, Manoel, nós vamos se livrar. As maldade vai ficar tudo aqui. A terra anda farta da impiedade dos homem. Agora é do danado. Você tem ciência do nosso sofrimento. Sabe que no mundo botaram divisa até nos coração.

ARTULIANA: Manoel! Vamos se embora daqui! Eu faço você esquecer todas as maldade. Trabalho por dez filho...!

MANOEL: (*Segura Artuliana*) Vem! Vamos pedir perdão das coisa escondida.

ARTULIANA: Não.

MANOEL: Nós ainda não pediu perdão, Artuliana!

ARTULIANA: Não tenho pecado de nada.

MANOEL: Você tentou na semana das penitência, me procurando por toda parte.

ARTULIANA: Porque nós se queria, Manoel!

MANOEL: Amofinando os sentido, fazendo brasa do corpo da gente!

ARTULIANA: Você mesmo falou que tudo era de pureza, se tinha benquerença. Não se lembra, Manoel?

MANOEL: (*Mais agitado*) Essa malícia, deixando o corpo cego, sujando a semana das penitência. Nós deitamos essa semana, Artuliana!

ARTULIANA: (*Abraça Manoel*) É porque nós se quer, Manoel. E essa crença amaldiçoada que está sujando tudo... fazendo das coisa, pecado! É esse frouxo que não sabe o que é ter um filho... nem ter uma mulher! Mas, você sabe, Manoel! Quando eles me batia... pensava nas suas mão correndo no meu corpo... dando vontade de viver. Não tive esquecimento dos seus olho... virando céu por cima de tudo!

MANOEL: (*Atormentado, empurra Artuliana*) Endemoniada! Livra! Livra a gente dos sentido que atormenta! É preciso arrancar essas maldade do corpo! Todo mundo arrancou!

ARTULIANA: (*Desesperada, investe contra Dolor, dando-lhe uma bofetada*) Você deitou com um homem! Conta! Conta quem foi Avelino!

Os agregados espalham-se, apavorados. Joaquim fica pregado ao chão. Dolor, hirta, não faz nenhum movimento.

ARTULIANA: Se querença é demônio, Manoel... então é ele que mora no meu corpo. Se vontade de ter filho seu é danação... não quero viver sem ele. Manda acabar comigo. (*Manoel aproxima-se de Artuliana*) Não quero viver em nenhum Paraíso. Quero você, Manoel! Manoel!

De repente, Artuliana beija Manoel com paixão. Manoel entrega-se, apertando e acariciando o corpo de Artuliana.

CONCEIÇÃO: Mulher das Madalena!

DURVALINA: Nunca foi filha minha!

GERMANA: É ela que está empatando!

CONCEIÇÃO: Falou pior que mulher à toa!

GERMANA: Mais cheia de pecado que a boca do inferno!

1ª MULHER: É ela! O filho do pecado que impede a subida!

GERALDO: Está aqui ofendendo a pureza de Maria!

2ª HOMEM: Vamos acabar com ela!

AGREGADOS: Endemoniada! Ela precisa morrer! Antes que clareia o dia! Decaída! Mulher do mundo!

DOLOR: (*Cerca Artuliana e Manoel*) Não! Chega! Meu filho! Deixa eles ir embora. Eles é gente do mundo, se quer bem. Não têm nada que ver com o Paraíso. Manda, meu filho!

JOAQUIM**:** Vai se embora, Manoel! Pode ir!

MANOEL: Você me deixa sair com Artuliana?

JOAQUIM: É vocês que quer, irmão!

MANOEL: Casei três vez... sempre fui atado dos meus sentido!

JOAQUIM: Casamento não é pecado.

MANOEL: Espalhei filho em tudo que foi fazenda!

JOAQUIM: Filho não é pecado.

DOLOR: Quem trabalha precisa.

JOAQUIM: Só os escolhido que não pode sentir essas alegria. Os outro, não!

ARTULIANA: Vem, Manoel! Vamos se embora!

Manoel, com certo esforço, dá alguns passos, acompanhando Artuliana. Artuliana entra em seu casebre e pega a mala. Manoel volta-se e olha os agregados, que se agrupam em volta de Joaquim. Ana entra correndo, quase sem fôlego.

ANA: Pai. (*Manoel continua olhando os agregados*) Pai! É preciso que todos fuja! Pai! Sou eu! É a Ana! O senhor está vivo! Tive tanto medo!

DOLOR: Fugir por quê, Ana?

ANA: Eu só falei que tinham batido na Artuliana. Queria que o administrador viesse e levasse meu pai. Mas, chegou a Daluz e o marido com o filho morto... e contou que tinham batido no menino até matar... que as crianças ia tudo morrer. O fazendeiro mandou buscar os polícia em Jaborandi.

DOLOR: Buscar os polícia?

ANA: Vão pôr todo mundo p'ra fora e plantar capim nas roça. O fazendeiro mandou queimar nossas casa. Vão atirar em todos! Vamos se embora enquanto é tempo! Geraldo!

Os agregados, numa atitude de defesa, cercam Joaquim, formando um único bloco.

GERALDO: Que venham! Serão destruídos pela espada sagrada de Deus!

GERMANA: Bala não faz nada em gente santa!

CONCEIÇÃO: Cristo na sua majestade, rodeado de anjo... vai levar a gente.

Artuliana volta ao terreiro carregando a mala.

GERALDO: Os treze raio de sol vai iluminar a vereda!

ANA: Pai! Disseram que vocês são tudo doido, que vão atacar Jaborandi e pôr fogo na igreja dos padre. Está tudo com medo, querendo fazer maldade p'ra nós.

GERALDO: Eles têm coragem de vim aqui?

ANA: Estão vindo. Eu corri na frente!

ARTULIANA: Quem, Ana? Quem está vindo?

ANA: Os polícia. É preciso ir p'ro Tabocal!

GERALDO: As balas vão cair no chão, tudo derretida feito pingo d'água. Eles é que vai morrer. Os anjos de Deus vai passar tudo na espada.

ARTULIANA: Manoel! Vem! Vamos se embora! (*Puxa Manoel até a saída*)

DURVALINA: Estamos debaixo da proteção da Virgem. Graças a Deus!

AGREGADOS: Graças a Deus! Graças a Deus!

Quando chega na saída dos casebres, Manoel volta-se e olha Geraldo e os agregados. Todos, como Joaquim, estão transfigurados. Manoel examina um por um.

ARTULIANA: Vem, Ana! Ligeiro! Eles não quer. Vamos nós!

Subitamente, Manoel caminha na direção de Joaquim. Artuliana tenta segurá-lo, mas Manoel solta-se com um movimento brusco.

ARTULIANA: Manoel! Manoel!

MANOEL: Cada sol que levantava, Dolor não sabia onde ia parar na boca da noite!

ARTULIANA: Dolor mentiu! Acredita em mim, Manoel!

MANOEL: Sem um palmo de terra p'ra trabalhar; vivendo em casa que é mais morada de frio e de chuva do que de gente; chagando as mãos em tudo que é roça, p'ra mantimento minguado; passando de fazenda em fazenda... desde que nasce até que vira cruz. Assim ela tem vivido... e nós tudo.

DOLOR: Não! Parte, Manoel! Você precisa partir! Acompanha sua mulher e sua filha. Leva todos que quiser ir. Vão! (*Tenta puxar os agregados*) Vão! Acompanha o Manoel. Manda todo mundo ir, meu filho! Por mim!

JOAQUIM: Quem quiser, pode ir. A mulher pura pediu.

DOLOR: (*Vendo que ninguém se mexe*) Vão! Vão enquanto é tempo.

MANOEL: Mentiu que pecou p'ra não revelar... (*Submisso, ajoelha-se diante de Joaquim*) Acredito que tu é o Cristo que anda por aí!

GERALDO: É verdade...!

CONCEIÇÃO: Nós crê...!

DURVALINA: ... que tu é o Cristo!

GERMANA: O Cristo das roça!

AGREGADOS: Nós acredita! Tu é o Cristo! Nós crê!

ARTULIANA: Conta sua mentira, Dolor! Se você contar, acaba essa doidura e eles parte! Salva todo mundo!

DOLOR: Meu filho...

JOAQUIM: (*Transfigurado, levanta os braços numa atitude bíblica*) As condição de tristeza e pobreza vai acabar na face do mundo! Eu prometo!

Dolor para. Artuliana, com grande esforço, corre para a mata, desaparecendo.

ARTULIANA: (*Gritando*) Nós somos de paz! Nós somos de paz!

ANA: Não, Artuliana! Sozinha, não! Volta! Eles atira em você!

ARTULIANA: (*Voz que vai sumindo*) Nós somos de paz! Nós somos de paz!

PEDRO: (*Percebendo um começo de amanhecer*) Olha!

DURVALINA: As nuvem estão se esparramando!

GERALDO: Os astro vão se juntar!

GERMANA: Caminho estrelante!

JOAQUIM: Meus irmão! É a vereda que o Deus das altura manda. É preciso se preparar porque nós já vamos se embora!

ANA: (*Abraça-se a Manoel*) Pai! O senhor não vê que isso não é das nossas força? O céu não é casa de gente viva, pai! Se o senhor não convencer eles p'ra sair, todo mundo vai sofrer!

Os agregados, extremamente alegres, correm para seus casebres. Manoel entra em seu quarto, acompanhado por Ana. Enquanto se passa a cena seguinte, vemos os agregados, aflitos e apressados, entrarem e saírem de um casebre para outro. Só ficam no terreiro Dolor e Joaquim.

DOLOR: (*Pausa*) Meu filho!

JOAQUIM: Mãe! Seus olho não vai ser mais mina d'água.

DOLOR: Eles vão chegar, meu filho.

JOAQUIM: Nem suas mão vai ser uma chaga só.

DOLOR: Meu filho!

JOAQUIM: Lá, é tudo limpo! (*Sorri*) Limpo como as nuvem!

DOLOR: Vamos se embora, meu filho!

JOAQUIM: Nós já vamos, mãe!

DOLOR: Não! Vamos fugir! Antes que chega os polícia! Vem, meu filho!

JOAQUIM: Fugir p'ra onde, mãe?

DOLOR: P'ra qualquer lugar do mundo. Não me incomodo de continuar penando... que meus olho seja mina d'água, de cavucar a terra com as mão. Sofri a vida inteira p'ra criar você.

JOAQUIM: Está querendo fugir dos que sempre quis me matar, mãe?

DOLOR: Quero! Quero sim, meu filho!

JOAQUIM: Pode sossegar, mãe. Agora eles não pode me fazer nada.

DOLOR: Pode. Pode sim, Joaquim.

JOAQUIM: Mãe! Você duvida?

DOLOR: Duvida do quê, meu filho?

JOAQUIM: Que eu sou o Cristo?

DOLOR: Não é isso, meu filho.

JOAQUIM: Você me chamou de Joaquim!

DOLOR: Queria dizer Cristo!

JOAQUIM: Cristo não foge, mãe! Não precisa!

DOLOR: Não quero que matem meu único filho. Eles também mataram o Cristo.

JOAQUIM: Gente santa não morre, mãe!

DOLOR: (*Abraça Joaquim e começa a soluçar*)

JOAQUIM: (*Atormentado*) Estou aqui p'ra salvar. Não nasci de pecado. (*Passa, aflito, as mãos pelo corpo*) Mãe! Aquilo que a senhora falou não é verdade? Que eu nasci nas roça?

DOLOR: (*Pausa*) É sim, meu filho!

JOAQUIM: Então, p'ra que fugir?

DOLOR: Esqueci... esqueci que a gente já ia p'ro céu... que eles não pode mais fazer maldade. Não tenho nenhuma dúvida.

JOAQUIM: O outro Cristo morreu na cruz... não fugiu, mãe!

DOLOR: Eu sei, meu filho. Nem você vai fugir.

JOAQUIM: Quem havéra de levar os irmão?

DOLOR: Só você! Só você, meu filho!

JOAQUIM: (*Alegre novamente*) Essa gente não tem poder. Nosso corpo é santo, bala não atravessa.

DOLOR: Eu sei. Vem! É preciso pôr uma roupa mais em condição.

JOAQUIM: P'ra quê, mãe?

DOLOR: (*Amargurada*) P'ra chegar mais em ordem... no céu. Vem!

Dolor e Joaquim entram em seu casebre. Alguns agregados saem com objetos e vão colocá-los em volta do poço.

JOAQUIM: Meus livro santo, mãe!

Joaquim entra em seu quarto. Dolor pega as bíblias, sai para o terreiro e vai colocá-las na beirada do poço. Manoel sai na sala, para e vira-se para Ana.

MANOEL: Que é que você quer, Ana? Não vão queimar as casa, plantar capim nas roça, tocar a gente? Contra essa danação ninguém tem valia. É dela que nós vai fugir... dessas possança, desses arame farpado p'ra todo lado. A gente sofre é p'ra aprender alguma coisa. O corpo nosso nem tem mais o prumo das árvore. Vive mais curvado que bambu. Não! A terra virou rancho de demônio... carece escolher.

Manoel entra na cozinha. Depois de hesitar, Ana corre para o terreiro; para quando dá com Dolor colocando os livros na borda do poço. Os agregados amontoam no terreiro trouxas de roupa, enxadas, panelas, utensílios de casa e de lavoura.

ANA: Dolor! Convence eles p'ra fugir. Salva seu filho! Não se lembra da fazenda Gameleira, Dolor?

DOLOR: Fugir p'ra onde?

ANA: P’ra qualquer lugar!

DOLOR: P’ra todo lado que a gente vai... tem sempre alguma coisa pondo desordem na vida, Ana.

ANA: Na vida daqueles que não trabalha.

DOLOR: Chama seu pai e vai se embora.

ANA: Meu pai está louco, não me ouve mais. E Joaquim é o culpado.

DOLOR: Meu filho não tem culpa de nada.

ANA: Desde que Joaquim chegou aqui... que tem atrapalhado a vida da gente, tirando o Geraldo do serviço, querendo mandar, converter todo mundo. Cristo! Desculpa pra não trabalhar.

DOLOR: Cristo também nunca plantou uma roça.

ANA: Isso foi o Cristo.

DOLOR: Penou tanto como Cristo! Maria foi uma mulher como eu.

ANA: Dolor! Bate na boca, Dolor!

DOLOR: Viver carregando cruz a vida inteira, ou morrer numa, p’ra mim é a mesma coisa. Ver filho agoniar nos cravo da cruz, ou ver filho agoniar em ruindade que a gente não tem sentido, também é a mesma coisa.

ANA: Quando foi que Maria teve essa figura?

DOLOR: Nunca me deram nada... e tomaram o que era meu. Vivi pingando trapo em tudo que é fazenda. Botei tanto filho no mundo! Meu maior desejo era fazer eles comer! Comer! Comer! Enquanto meus peito dava leite, eu podia fazer alguma coisa. Catei arroz com filho pendurado nos peito. Carpi roça com filho pendurado nos peito. Velei filho, com filho pendurado nos peito. (*Atormentada*) Foi o que deixei nas fazenda: um filho em cada uma. Mas, deixei embaixo da terra, Ana!

ANA: Que culpa tem meu pai?

DOLOR: Meus olho e meu corpo deitou mais água na terra que as nuvem do céu. Sou! Sou Maria das pureza. Não tive tempo de saber o que é pecado, não conheci outra coisa que penação. Sofri pra meus filho nascer... e agoniei mais ainda pra eles morrer. A Maria do livro perdeu um filho na cruz. Eu perdi oito! Na cruz tenho vivido eu. Demônio! Demônio é

esse povo que você foi buscar. Que vai matar meu filho.

Joaquim sai do quarto, vestido com uma roupa branca, rasgada e um pouco justa.

ANA: Dolor! Meu pai é de valença, todo mundo respeita... eles deixa passar. Convence ele! Eu levo você e Joaquim.

DOLOR: P'ra quê? Ele ia continuar sofrendo... fazendo os outro sofrer até descobrir que demônio é esse que come ele por dentro.

ANA: Então, você também acredita que seu filho é que está com o demônio?

DOLOR: Cada um tem um, Ana! Vivendo como a gente vive, qualquer um vira presa de tudo quanto é demônio. Você é mulher como eu. Nós serve só p'ra botar filho no mundo, como manda o livro... p'ra esse mundo agoniar e matar. Você quer ir p'ra outra fazenda p'ra quê? P'ra quê, Ana? P'ra seus filho andar pelas estrada feito cachorro sem dono, pisando um chão que nenhum sofrimento, nenhum trabalho dá posse... servindo só p'ra samear cruz nas terra dos outro? Meu filho pode ser demônio, mas não por pecado nosso. Por pecado do mundo! O pior demônio é essa ruindade que fizeram da vida da gente. Joaquim pensa que é Cristo, pois que morra assim. Essa alegria ninguém mais pode tirar dele!

Manoel e Geraldo saem do casebre com algumas ferramentas e vão encostá-las no poço. Ana abraça-se a Manoel.

ANA: Pai! O senhor é um homem direito que sempre trabalhou. Eles deixa o senhor levar todos p'ra outra fazenda...

Ouvem-se, distantes, dois tiros. Dolor, Manoel, Geraldo e Ana olham para a mata.

ANA: Atiraram na Artuliana!

MANOEL: (*Contrai-se, revelando uma grande dor*)

ANA: (*Corre até a saída dos casebres*) Eles já vão chegar! Cercando p'ra todo lado!

GERALDO: (*Caminha até Manoel e segura seu braço*)

MANOEL: Nasci aqui... trabalhei a vida inteira como um burro de carga e só tenho o corpo. (*De repente*) Vamos lutar! Chama os outro, Geraldo!

ANA: Não! Não, pai! Eles têm arma de fogo. Estão escondido em cada pé de árvore.

MANOEL: (*Liberta-se de Ana e caminha, desorientado, pelo terreiro*) Precisamos fazer

alguma coisa. Esta terra é nossa. Molhamos ela com o suor do corpo... enterramos nela a família. Não podemos entregar assim! Nós tem os braços! É a nossa valia p'ra tudo! Há de servir agora p'ra lutar... (*Para, subitamente, sentindo a inutilidade de seu gesto. Pouco apouco, abaixa a cabeça, humilhado*)

GERALDO: Nós já vai se libertar, pai. Vai se embora, Ana. Fala p'ra eles que nós não tem medo de bala.

Por um momento há um grande silêncio. Subitamente, Dolor ergue a cabeça, tomando uma decisão.

DOLOR: (*Grita desesperada*) Meu filho Cristo! (*Corre em volta do terreiro*) Marta! Jeremias! Marcos! Judite! Ligeiro! O sol já está aí!

Acentua-se o amanhecer com todos os seus tons. Joaquim sai do casebre abraçado à imagem de Cristo. Joaquim estaca, olhando, enraivecido, para os objetos e ferramentas. Os agregados vão aparecendo, cada um segurando algum objeto. Durvalina vem abraçada a uma lata colorida de biscoitos. Um agregado carrega um arreio e outro, uma cartucheira.

JOAQUIM: P'ra que tudo isso?

DURVALINA: A gente pode ter precisão.

JOAQUIM: No céu ninguém carece dessas coisa. (*A Durvalina*) Que lata é essa?

DURVALINA: (*Sorri*) É meus guardado.

JOAQUIM: Joga fora! Você também!

2º HOMEM: É meus arreio!

1º HOMEM: Minha cartucheira! Foi presente de meu pai!

JOAQUIM: Joga tudo fora, já disse.

Os agregados, com certa dificuldade, depositam os objetos em volta do poço.

1ª MULHER: Vou hoje p'ro céu e estou assim tão suja!

JOAQUIM: Ninguém precisa de vergonha, porque já vamos p'ro Paraíso! (*Entrega a imagem à Dolor*) Segura, mãe! O Espírito Santo deu ensino só p'ra mim! Vigia bem o que faço!

Joaquim torce-se, ajoelha e, de repente, dá um salto abrindo os braços. Ajoelha novamente; salta de novo, agora mais alto ainda. Ana, horrorizada, vai se afastando em direção da saída.

JOAQUIM: (*Enquanto ensaia o voo*) Ninguém tem essa ligeireza. Essa força não é minha, é a força do Cristo. Do Cristo que está em mim! É preciso saber pular p'ra alcançar o céu.

VOZES: (*Que vêm de todas as direções da mata*) ANA! ANA! ANA! SAI DAÍ! TIRA SEU PAI DUMA VEZ!

Os agregados parecem não ouvir. Dolor volta-se e olha, aflita, para a mata. Ana continua com os olhos presos nos agregados, fascinada; os agregados juntam-se em fila.

JOAQUIM: Todos aqui, perto de mim!

VOZES: ANA! ANA! QUE ESTÁ ACONTECENDO? POR QUE NÃO SAI? VIROU CRENTE TAMBÉM?!

JOAQUIM: Carece tirar tudo do corpo. Desculpe, irmão. Me desculpe. É, preciso. Desculpe. Me desculpe. Isso é lixo. Tudo isso é lixo. Sujeira do mundo. (*Joaquim joga fora enfeites, grampos, lenços, etc*.) Na cidade celeste de Canaã ninguém carece dessas bestice. Desculpe. Me desculpe, irmã. Nada disto é de precisão no paraíso!

Depois que ficam livres de tudo, Joaquim corre em volta dos agregados, batendo os braços.

VOZES: JÁ ESPERAMOS DEMAIS, ANA! VEM, P'RA GENTE ACABAR COM ESSA PRAGA DOS INFERNO!

JOAQUIM: Veja! Veja como o Espírito Santo ensinou. É preciso bater as asa.

VOZES: ANA! (*Ouve-se um tiro*) ANA! FALA P'RO MANOEL SAIR DUMA VEZ!

DOLOR: Não tem outro, irmãos. Esse é o derradeiro caminho da salvação!

VOZES: SAI DAÍ QUE NÓS VAI CHUMBAR ESSES MALUCO! ANA! MANOEL!

DOLOR: É ligeiro! É ligeiro!

VOZES: VAMOS ACABAR COM ESSES MATADOR DE CRIANÇA!

ANA: Não! Só meu pai, não! Todos! Deixa nós passar! Nós vamos p'ra outra fazenda! (*Caminha na direção da mata, meio desorientada*) Não atira! Não atira, pelo amor do Cristo! Nós somos de paz!

Joaquim e os agregados começam a rodopiar pelo terreiro, batendo os braços. Ouvem-se dois tiros.

DOLOR: Ana! Ana!

Ana volta correndo e para, meio alucinada.

ANA: Fui eu! Fui eu! (*Abraça-se a Manoel*) A culpa é minha!

MANOEL: Não é não, minha filha. Vem!

ANA: Não! Eu não sou crente.

MANOEL: Nosso lugar é aqui!

ANA: Não fiz nada! Não quero morrer! Não quero morrer!

DOLOR: (*Subitamente, corre em direção da saída e grita, desafiando*) Pode atirar, corja do demônio!

GERMANA: (*Corre noutra direção*) É o Cristo que vocês vão matar!

PEDRO: (*Correndo*) É a mãe de Cristo!

DURVALINA: (*Correndo*) É a família de Deus!

CONCEIÇÃO: (*Alucinada pela alegria*) Atira! Atira! Atira nos corpo fechado!

DOLOR: Calejado de tanta agonia na vida!

JOAQUIM: (*Começa a cantar, acompanhado pelos agregados*)

ALUMIA A VEREDA!

A VEREDA DA SALVAÇÃO! AQUI ESTÁ O REBANHO! EM BUSCA DA TUA MÃO!

Ana, Dolor e Manoel são envolvidos pelo rodopio. Aumenta o barulho que vem da mata. Os agregados elevam as vozes. Os primeiros raios de sol batem nos casebres e nos agregados.

VOZES: (*De todos os lados da mata*) VAMOS ACABAR COM ESSA RAÇA! OFENDENDO DEUS! SÃO TUDO LOUCO! ASSASSINOS DE CRIANÇA! RAÇA DE CRENTES AMALDIÇOADA!

ABANDONADO NA TERRA SEM LUZ, SEM CALOR! AQUI ESTÁ O REBANHO EM BUSCA DO TEU AMOR!

Percebem-se homens que passam correndo na mata, procurando não serem vistos: os casebres estão cercados por todos os lados. Dolor, Ana e Manoel, os únicos que não cantam, continuam abraçados. Dolor, de olhos fixos para a frente, é a expressão máxima da solidão, da desesperança. Aumenta a luz do sol. Os agregados, transfigurados, rodopiam em volta do

terreiro; elevam ainda mais as vozes. Ficam alheios a tudo: uma alegria intensa estampa-se em seus rostos. Alucinados, olham para o alto e, pouco a pouco, começam a arrancar as roupas.

NESTA TERRA SEM LUZ SEM AMOR E SEM UNIÃO!

AQUI ESTÁ O REBANHO! EM BUSCA DO TEU CORAÇÃO!

ALUMIA! ALUMIA! MEU DEUS!

ALUMIA A VEREDA DA NOSSA SALVAÇÃO!

A luz do sol agora é intensa e brilhante, como nas manhãs claras de verão.

Subitamente, ouvem-se, de todos os lados, tiros e gritos. Enquanto as vozes gritam de fora e aumenta a fuzilaria, os agregados continuam rodopiando, cantando e arrancando as roupas, que voam no ar, confundindo com seus braços erguidos para o alto, numa súplica alucinada.